



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE  
MESTRADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**DILEUZA NIEBIELSKI BAIOCCHI**

**LEITURA E CIBERESPAÇO: uma nova arquitetura de escrita e de sentidos**

CASCAVEL - 2014

DILEUZA NIEBIELSKI BAIOCCHI

**LEITURA E CIBERESPAÇO: uma nova arquitetura de escrita e de sentidos**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - nível de Mestrado - área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem: Práticas Linguísticas, culturais e de Ensino.

**Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Helena Dal Molin**

CASCAVEL - 2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

B156L Baiocchi, Dileuza Niebielski  
Leitura e ciberespaço: uma nova arquitetura de escrita e de sentidos./Dileuza Niebielski Baiocchi. — Cascavel, 2014.  
109 p.

Orientador: Profª. Drª. Beatriz Helena Dal Molin

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.  
Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Letras

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Tecnologia. 4. Educação - Mídia. 5. Ciberespaço.  
6. Leitor - Formação.7. Professor - Formação. I. Universidade Estadual do  
Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21.ed.372.882  
418.4

DILEUZA NIEBIELSKI BAIOCCHI

**LEITURA E CIBERESPAÇO:** uma nova arquitetura de escrita e de sentidos

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - nível de Mestrado - área de concentração Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Linguagem: Práticas Linguísticas, culturais e de Ensino.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Helena Dal Molin - Universidade do Oeste do Paraná/Unioeste  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Roselene de Fátima Coito - Universidade Estadual de Maringá /UEM  
Membro Titular Externo

---

Prof.<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup>. Acir Dias da Silva - Universidade do Oeste do Paraná/Unioeste  
Membro Titular

À Diana, minha mãe, por ter me transmitido de maneira tão habilidosa, como é de seu feitio, o gosto pela leitura e pela busca de novos conhecimentos.

Ao Alexandre, muito mais que esposo, meu maior incentivador nessa trajetória pelo fascinante labirinto que é o Estudo da Linguagem.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, **Professora Dra. Beatriz Helena Dal Molin**, por ter aceitado o meu projeto e pelo suporte dispensado.

Aos professores que participaram do exame de qualificação, **Professor Drº. Antônio Donizeti da Cruz** e **Professora Dra. Maria Aparecida de Jesus**, pelas contribuições e orientações relevantes para a organização final do trabalho dissertativo.

À egrégia banca de defesa, **Professora Dra. Roselene de Fátima Coito** e **Professor Drº Acir Dias da Silva**, que enriqueceram sobremaneira com suas contribuições para a coroação desse trabalho.

Agradeço, especialmente, a minha mãe **Diana Zoz**, pelo apoio e amor incondicionais e constantes e ao meu pai **Paulo Niebielski** (*in memoriam*) por todo o legado.

Reconheço em meu querido esposo, **Alexandre Baiocchi**, sua sabedoria, sensibilidade e sensatez que, certamente, através de suas palavras sempre me acalentam e me motivam. Sou muito grata pelas nossas vivências e conhecimentos compartilhados.

Agradeço aos meus sogros, **Mário Baiocchi** e **Maria Angélica Baiocchi** pessoas maravilhosas, sensíveis, educadas e prestativas, cujo carinho e respeito nunca me faltaram.

Ao **Patrick** (*in memoriam*), que partiu quatro meses antes da finalização desse trabalho deixando imensa saudade.

Agradeço à **Shanti** pelas alegrias diárias.

Finalmente, agradeço a **Deus**, fonte de todo Conhecimento, pelos dons da Vida e da Fé, sem **Ele** agradecimento algum faria sentido.

Alegria, alegria - Caetano Veloso (1968)

Caminhando contra o vento  
Sem lenço e sem documento  
Num sol de quase dezembro... eu vou...

O sol se reparte em crimes espaçonaves  
Guerrilhas em Cardinales bonitas... eu vou...

Em caras de Presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes pernas bandeiras  
Bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista  
Me enche de alegria e preguiça  
Quem lê tanta notícia.. eu vou..  
Por entre fotos e nomes  
Os olhos cheios de cores  
O peito cheio de amores... vãos...  
Eu vou.. porque não.. porque não..

Ela pensa em casamento  
E eu nunca mais fui à escola  
Sem lenço e sem documento... eu vou...  
Eu tomo uma coca-cola

Ela pensa em casamento  
E uma canção me consola... eu vou...

Por entre fotos e nomes sem livros e sem fuzil  
Sem fome sem telefone no coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei  
Em cantar na televisão  
O sol é tão bonito.. eu vou  
Sem lenço e sem documento  
Nada no bolso ou nas mãos  
Eu quero seguir vivendo... amor...  
Eu vou.. porque não.. porque não..  
Porque não.. porque não.. porque não..  
Porque não...



## RESUMO

Resumo: A presente pesquisa se insere na área de Linguagem e Tecnologia, tendo como foco central as novas modalidades de práticas sociais de leitura e escrita. Busca investigar as possibilidades de leitura e escrita que emergem com as TICs, os novos suportes de comunicação e os ambientes virtuais de aprendizagem capazes de redimensionar as práticas de linguagem na cibercultura e o ensino de produção de texto na escola. E também pesquisar em que sentido os blogs criados nas escolas com a finalidade de despertar o gosto pela leitura, estão atendendo aos objetivos de formar leitores críticos, assíduos e participativos. O estudo parte do pressuposto que é desejável promover na escola as experiências de linguagem mediadas pelas mídias digitais que os alunos já vivenciam em seus cotidianos. O corpus da pesquisa ancora-se na pesquisa bibliográfica bem como no ciberespaço com análise interpretativista do discurso a partir da teoria do discurso de Ducrot. A dissertação relata análise realizada a partir de atividades propostas em blogs pedagógicos em escolas da rede pública de ensino, nas quais as TICs estão presentes. A pesquisa foi motivada a fim de constatar como as mídias digitais estavam sendo adequadamente exploradas nas práticas de leitura e escrita no ciberespaço e a pertinência em rever a natureza da linguagem, considerando as transformações que a tecnologia promove. O componente teórico da pesquisa discute inicialmente a importância das tecnologias de comunicação digital, breve análise da sociedade em rede, ou sociedade da informação, a emergência da era do conhecimento, do excesso de informação e a contextualização do ciberespaço e da cibercultura. Em seguida, apresenta-se uma discussão geral sobre o gênero blog, ambiente explorado na análise proposta no estudo a partir dos postulados de Ducrot. Os resultados apontam que é pertinente utilizar o blog como uma ferramenta pedagógica, e que o uso desse recurso é motivador para os alunos e pode gerar produções complexas e criativas.

## **ABSTRACT**

Abstract: The present research is inserted in the area of Language and Technology, and, as its central focus is the new kinds of social practices of reading and writing, making of blogs. It seeks to investigate the possibilities of reading and writing that emerge with TCIs, new communication media and virtual learning environments that are able to resize language practices in cyberculture and teaching in the school production of text. In that sense also search the blogs created in schools in order to awaken the taste for reading are meeting goals to form critical, participatory and assiduous readers. The study presupposes that it is desirable to promote into the classroom the language experiences mediated by digital media students already experience in their daily. The research corpus is anchored in the literature as well as in cyberspace with interpretive analysis of discourse from the discourse theory of Ducrot. This essay reports the performed analysis from proposed activities in educational blogging in schools of public schools, in which TCIs are present. The research was motivated in order to determine how digital media were being adequately explored the practices of reading and writing in cyberspace and relevance to review the nature of language, considering the changes that technology promotes. The theoretical research component initially discusses the importance of digital communication technologies, brief analysis of the network society, or the information society, the emergence of the knowledge era, the excess of information and contextualization of cyberspace and cyberculture. Then, it presents a general discussion on gender blog, environment explored in the analysis proposed in the study from the postulates of Ducrot. The results show that it is relevant to use the blog as a teaching tool and that the use of this feature is motivating for students and can lead to complex and creative productions.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AD	Análise do Discurso
CSS	Cascading Style Sheets - linguagem de programação
HTML	Hypertext Markup Language
TCIs	Tecnologias De Informação E Comunicação
WWW	World Wide Web, Web

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	<i>Banner do Blog A leitura está no Ar!</i> .....	84
Figura 2 -	<i>Banner do blog Versologando</i> .....	86
Figura 3 -	<i>Banner do blog Fabulendo no Blog</i> .....	87
Figura 4 -	Parte inicial do trabalho intitulado <i>Photonovel</i> .....	88
Figura 5 -	Parte do trabalho intitulado <i>Photonovel</i> .....	89
Figura 6 -	Atividade “Brincando de Ler Poesias” - <i>blog Fabulendo no Blog</i> .....	90
Figura 7 -	Postagem sobre o dia do funcionário de escola - <i>blog Fabulendo no Blog</i> .....	91
Figura 8 -	Postagem de aluno - <i>blog Fabulendo no Blog</i> .....	92
Figura 9 -	<i>Banner do blog Tiradas de almanaque</i> .....	92
Figura 10 -	<i>Post do blog Tiradas de almanaque</i> .....	95
Figura 11 -	<i>Banner do blog Viver ler viver</i> .....	96
Figura 12 -	Postagem do dia dois de novembro de 2013 do <i>blog Viver ler viver</i> .....	97
Figura 13 -	Comentários do <i>Post</i> do dia dezessete de junho de 2013 no <i>blog Viver ler viver</i> .....	99

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Gênese da Pesquisa .....	15
	Percurso Metodológico.....	18
1.2	Acerca da Pesquisa.....	18
1.3	A PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA.....	19
1.4	OBJETIVOS: objetivos gerais e específicos.....	20
1.5	Metodologia da Pesquisa .....	20
<b>2</b>	<b>AS NOVAS TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL E A EMERGÊNCIA DA ERA DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>23</b>
2.1	Breve análise das TICs e da sociedade em rede ou sociedade da informação.....	23
2.2	Contextualizando: o ciberespaço e a cibercultura.....	31
2.3	Cibercultura: entre o excesso de informação e a produção de conhecimento.....	37
2.4	Pierre Lévy e a Inteligência Coletiva.....	42
<b>3</b>	<b>LEITURA E CIBERESPAÇO.....</b>	<b>45</b>
3.1	Relação leitura e escrita: do <i>volumen</i> ao ciberespaço.....	49
3.2	Leitura, Leitores e a Construção de Sentidos.....	55
3.3	Leitura e escrita enquanto práticas sociais: três tipos de leitores	60
3.3.1	O leitor contemplativo, meditativo .....	60
3.3.2	O leitor movente, fragmentado .....	60
3.3.3	O leitor imersivo, virtual .....	61
3.4	Formação Docente e Leitura .....	62
<b>4</b>	<b>BLOGS: ESPAÇOS PARA A LEITURA E A ESCRITA NO CIBERESPAÇO .....</b>	<b>64</b>
<b>5</b>	<b>CARTOGRAFANDO.....</b>	<b>68</b>
5.1	Reflexões fundamentais acerca das concepções de texto e de discurso.....	68
5.2	A Teoria Polifônica de Ducrot .....	73
5.3	Cartografando o ciberespaço: Análise de blogs.....	80

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

“Os antigos não professavam nosso culto ao livro; viam no livro um sucedâneo da palavra oral. Aquela frase que se cita sempre - *Scripta Manet verba volant* - não significa que a palavra oral seja efêmera, mas que a palavra escrita é algo duradouro e morto. Em troca, a palavra oral tem algo de alado, de leve; alado e sagrado, como disse Platão” (Jorge Luis Borges, 2011).

### 1.1 Gênese da Pesquisa

Ao longo da história da cultura humana, a preocupação com as transformações dos sistemas de informação e comunicação caracteriza-se em uma preocupação nova. “Ela data de meados do século XX, tendo coincidido com a explosão dos meios de comunicação de massa e a conseqüente emergência da cultura de massas” (SANTAELLA, 2001, p. 24). Assim, a informação e as questões oriundas desta tornaram-se cada vez mais relevantes até sua incontestável onipresença resultante da recente propagação dos novos meios de comunicação e informação.

Segundo Lévy (1999) a introdução das novas tecnologias na sociedade suscita o desenvolvimento de novas modalidades de práticas sociais de leitura e escrita, características da cibercultura, pois o espaço da Internet possui novos modos de leitura e de escrita, com características próprias, que ocasionam transformações no processo de ler e escrever.

Os textos virtuais são, muitas vezes, construídos sem fronteiras definidas e, frequentemente, intercalam formas, processos e funções da linguagem oral, da leitura e da escrita. No ciberespaço, o leitor e o autor, em processo dialético, encontram-se diante de novas formas de compreensão e produção textuais, o computador é mencionado como *medium* que agrega discursos podendo alterá-los e, até mesmo, conduzir à criação, por exemplo, de outros gêneros textuais (MARCUSCHI; XAVIER, 2005) com novas maneiras de ler e escrever. As novas ferramentas de leitura e de escrita, agregadas ao ambiente digital, podem proporcionar construções textuais inéditas considerando as vantagens que podem

advir dos sistemas baseados em hipertextos com relação aos sistemas tipicamente lineares, sendo que os benefícios podem surgir, justamente, da organização não linear das informações.

Certamente a revolução tecnológica não começou com o advento dos computadores pessoais, e sim anteriormente. Novos dispositivos e cada tecnologia a seu tempo transformaram a relação com o outro, com o conhecimento, com a escrita e com a leitura.

As Tecnologias da Informação e da Comunicação – TICs – representam, especialmente a partir das duas últimas décadas do século XX, uma sucessão imensa de modificações no âmbito informacional, com consequências para os diversos gêneros midiáticos, e, ainda, inúmeros desdobramentos para os diferentes segmentos sociais.

Para Lupton (2006) esse contexto como uma “situação multimidiática”, ou seja, uma época em que diferentes suportes conviver, tornam-se híbridos e sugestionam-se mutuamente. Essa influência mútua dos meios de comunicação inspirou o desenvolvimento da pesquisa que agora se apresenta.

Nesse sentido, a internet permite uma nova arquitetura de leitura e de escrita, pois passamos da lógica linear do papel para uma lógica multidimensional do sistema virtual. O texto tradicional, o livro, por exemplo, é um conjunto de parágrafos sucessivos reunidos em partes ou em capítulos que, geralmente, são lidos do início ao fim.

O vocábulo texto, procedente do termo latino *textus*, que gera a significação de *tecido*, é usado para referir algo que pode ser lido para fazer sentido. Conforme os formalistas russos Yuri Lotman e Boris A. Uspenskij:

Nas mais diversas culturas surge periodicamente a tendência para considerar o mundo como um texto, e, conseqüentemente, o conhecimento do mundo é equiparado à análise filológica desse texto: à leitura, à compreensão e à interpretação (SEGRE, 1989, p. 171).

Vale ressaltar que o conceito de texto possui suporte em algumas das obras clássicas tanto da semiótica do texto quanto da linguística textual. Para o formalista russo Yuri Lotman (1978), o conceito de texto é mais amplo do que aquele restrito ao universo do verbal (oral ou escrito), englobando outros sistemas semióticos, como o gestual, a música, o cinema e a fotografia.



Relativo ao hipertexto este é um conjunto de informações, muitas vezes contendo imagens, sons e que possui suporte digital e pode ser lido com possibilidades variadas, conforme a necessidade e escolha do leitor, pois este pode optar através da gama de *links* que lhe são disponibilizados. Assim sendo, enquanto o texto impresso propõe ao leitor um percurso que pode ser considerado mais definido de leitura, o hipertexto possibilita a construção progressiva de um conjunto de elementos textuais e midiáticos para uma leitura não linear.

No capítulo primeiro explicitamos o percurso metodológico da pesquisa, apontando a problematização, seus objetivos gerais e específicos. Sendo que, o presente estudo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica e têm como *corpus* desta, livros, artigos científicos<sup>1</sup> e outras dissertações de mestrado e teses de doutorado as quais apresentam possibilidades de interlocução com a temática estudada.

Antes de nos determos ao tema desta pesquisa, mais propriamente dito, leitura e ciberespaço constituindo uma nova arquitetura de leitura, escrita e de sentidos, ou seja, a leitura com auxílio da tecnologia digital e a produção de sentidos a partir desta experiência, mostram-se necessárias algumas reflexões acerca das tecnologias de informação e comunicação e a emergência da Era do Conhecimento, temas abordados no segundo capítulo, no qual fazemos uma contextualização do ciberespaço e da cibercultura e explanamos acerca desta última sobre o que se pode considerar excesso de informação em relação ao que se considera produção de conhecimento e, procuramos, ainda, trabalhar a partir dos postulados definidos por Pierre Lévy.

Sobre cibercultura Lévy (1999) postula de modo acessível que:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. (LÉVY, 1999, p.130)

No terceiro capítulo, os aspectos teóricos relativos ao ciberespaço e a leitura e a escrita, enquanto práticas sociais, são revisados buscando-se explicitar aspectos

---

<sup>1</sup>Consideramos, neste trabalho, artigos científicos e também artigos escritos por professores para seus *blogs*.

históricos acerca da leitura, da escrita e do livro e a inserção daquela em um contexto ampliado, em ambiente digital, ressaltando o *blog* que se estrutura a partir da interação escrita, entre diferentes sujeitos, promovida pela alternância entre os papéis leitor-autor, propiciada pelos espaços de postagens e comentários. O *blog* pode, ainda, constituir-se fator propulsor na motivação para a escrita e a leitura para além da sala de aula e, como via de aprimoramento da competência linguística dos estudantes, bem como da formação de novos leitores/produtores textuais.

Discutiremos, ainda neste capítulo, acerca dos tipos de leitores que navegam pelo ciberespaço interagindo, enquanto leitores deste outro espaço no qual o tempo e as fronteiras se diluem e se apresentam movediças, com uma gama de hipertextos e discursos, imagens, sons, *links*, *deeplinks* e *hiperlinks*.

No quarto capítulo trataremos do blog enquanto prática discursiva social e as interações em blogs que nos conduzem a caminhos para a leitura e a escrita no ciberespaço.

No quinto capítulo discutiremos aspectos linguísticos ligados à concepção de texto e de discurso, especialmente, acerca do dialogismo proposto por Bakhtin. Neste capítulo, apresentam-se, igualmente os postulados de Ducrot acerca de sua Teoria Polifônica e também acerca da teoria da argumentação na língua, principalmente, refletindo ao que concerne às significações subentendidas do discurso a fim de traçar uma paisagem cartográfica do ciberespaço a partir dos *blogs* analisados.

O exame do *corpus* da pesquisa objetiva a obtenção de dados que possibilitem a apresentação de estratégias de leitura, que possam ser aplicadas ao maior número de professores e alunos em contexto escolar, a fim de favorecer e enaltecer o processo de leitura, apesar de que não estejam presentes nesta pesquisa, de modo que a proposta objetiva orientar processos de leitura não linear de textos, inclusive, em mídias digitais.

## **Percurso Metodológico**

### **1.2 Acerca da Pesquisa**

LEITURA E CIBERESPAÇO: uma nova arquitetura de escrita e de sentidos no ensino aprendizagem.

### 1.3 A Problematização da Pesquisa

Tendo em vista a presença das tecnologias no contexto social e educativo, esta dissertação de mestrado terá como objeto de pesquisa, a busca de subsídios teóricos que possam contribuir para estudo da constituição dos processos de leitura e escrita com auxílio da tecnologia digital. Seu *corpus* ancora-se na pesquisa bibliográfica bem como no ciberespaço. Essa pesquisa, portanto, pretende responder aos seguintes problemas: Em que sentido os *blogs* criados nas escolas com a finalidade de despertar o gosto pela leitura, estão atendendo aos objetivos de formar leitores críticos, assíduos e participativos? Ler em dispositivos digitais auxilia também a leitura em obras impressas? A leitura no modo digital apresenta algum sentido novo ao leitor ajudando-o a despertar o gosto pela leitura e pela escrita? Ler a partir de dispositivos digitais favorece o aparecimento de um novo leitor /escritor?

Frequentemente nos deparamos com inúmeros textos, que parecem infinitos, quando nos posicionamos frente à tela do computador e acessamos a internet. Desta forma, ficamos expostos a diferentes tipos textuais, variados gêneros discursivos, multilinguagens em um único recurso ou meio, que denominamos de meios ou dispositivos digitais. aprimorados e ampliados em suas modalidades de acesso. Dessa maneira, ampliam-se as modalidades, as tipologias, os contatos diversificados com multilinguagens versando sobre um mesmo tema.

Interessa-nos pesquisar sobre as ocorrências, as modalidades e os interesses sobre leitura e produção de novos conhecimentos, a partir das informações, obtidas em sites, *blogs*, artigos científicos e comentários<sup>2</sup> dos leitores, bem como outros dispositivos e textos complementares aos que foram postados por terceiros<sup>3</sup>, presentes no ciberespaço. Segundo (SANTAELLA, 2004, p. 33) há autores que apesar de reconhecerem que existem semelhanças entre a leitura em suporte impresso e virtual, postulam que é “um modo inteiramente novo de ler”. Para (DERRIDA 2004):

A questão do livro não se confunde, enfim, com a dos suportes. De modo estritamente literal ou de modo metonímico, pode-se, e não se deixou de fazê-lo, falar em livros sustentados pelos mais diferentes suportes – não apenas os suportes clássicos, mas a quase-imaterialidade ou a virtualidade das operações eletrônicas, telemáticas, dos “suportes dinâmicos”, com ou sem tela. Não é

---

<sup>2</sup> São as notas que ficam subsumidas no *blog*.

<sup>3</sup> Textos postados pelos próprios professores autores *blogueiros*.

seguro que a unidade e a identidade da coisa denominada “livro” sejam incompatíveis com as teletecnologias. (DERRIDA, 2004, p. 19)

Portanto, podemos inferir, por ora, que o livro impresso pode conviver com as diversas modalidades midiáticas conservando um território estabelecido há séculos. Assim, o processo de leitura, enquanto prática social sustenta-se em diferentes *mediums*, tanto no suporte impresso quanto no digital/virtual.

#### **1.4 Objetivos: objetivos gerais e específicos**

##### Objetivo Geral

Enfocar o processo da leitura e escrita no ciberespaço, enfatizando aspectos históricos e cognitivos da constituição do leitor e da própria leitura, bem como as implicações do mundo virtual na constituição dos processos de leitura e escrita dos estudantes que participam de *Blogs* escolares ou educativos.

##### Objetivos Específicos

- Ressaltar a formação histórica e contemporânea da leitura e do leitor, correlacionando com a própria história do livro, enquanto instrumento de suporte para o processo de leitura.
- Apresentar as possibilidades da presença da tecnologia digital para o processo de construção de sentidos da leitura e da escrita e, por conseguinte, da formação do leitor, produtor de textos;
- Analisar os processos de leitura no ciberespaço, a partir da metodologia de pesquisa bibliográfica e análise de postagens presentes nos *blogs* educativos que almejam fomentar a prática de leitura, que promovem uma relação de interface entre o texto e o leitor. Tais *blogs* serão selecionados no hiperconduto da *web*.

#### **1.5 Metodologia da Pesquisa**

O presente estudo constitui-se de uma pesquisa bibliográfica e tem como *corpus* da pesquisa livros, artigos científicos e outras dissertações de mestrado e teses de doutorado as quais apresentam possibilidades de interlocução com a temática estudada. Para Severino (2012) a pesquisa bibliográfica se realiza a partir de acessos a registros de pesquisas anteriores, em textos impressos ou digitais

como livros, teses, dissertações e artigos científicos. O tipo de pesquisa caracteriza-se como descritiva e crítica.

Conforme Severino (2012) pelo fato de neste trabalho poder estar presente um grau de abstração e subjetividade, ao longo da pesquisa, é possível afirmar que nosso percurso metodológico dar-se-á através de uma pesquisa de cunho qualitativo.

As pesquisas denominadas qualitativas são exploratórias. Esse tipo de pesquisa auxilia no processo de ascensão de aspectos subjetivos e alcançam motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação, desse modo, neste trabalho procuramos analisar o que e de que modo o texto se materializa enquanto discurso.

A pesquisa qualitativa costuma ser direcionada e não procura enumerar ou mensurar eventos e, comumente, não utiliza instrumental estatístico para análise dos dados. Seu enfoque de interesse é amplo e dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante comunicação direta e interativa do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, é comum o fato de o pesquisador buscar compreender os fenômenos conforme a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí posicione sua interpretação dos fenômenos.

Faremos a leitura e inferência de autores considerados relevantes no que concerne ao estudo do ciberespaço como Bauman (2001, 2005); Jenkins (2008) Lévy (1996, 1999, 2001, 2008), Derrida (2004) e Deleuze e Guattari (2011), Guatarri (1992), McLUHAN (1969; 1972) Murray,(2003) que estão entre as principais bases teóricas desta pesquisa, juntamente a autores da linguística aplicada como Soares (1998,2002), Koch e Elias (2012), Koch (2007), Orlandi (1999), Ducrot (1987) Santaella (2004, 2001) entre outros.

Para a leitura e análise dos *blogs* pedagógicos selecionados a partir do critério de sua constituição voltada ao ensino ou incentivo à leitura, empregar-se-á o método de análise do conteúdo. severin Desta forma, a análise de *blogs* é congruente com esta metodologia. Os *blogs* selecionados para análise, a partir dos critérios expressos por meio dos objetivos, serão listados na medida de sua análise. Foram selecionados cinco blogs para compor o *corpus* de análise dessa pesquisa, assim, temos os seguintes blogs:

a) <http://aleituraestanoar.blogspot.com.br>;

- b) <http://versologando.blogspot.com.br>
- c) <http://fabulendo.blogspot.com.br>
- d) <http://tiradasdealmanaque.blogspot.com.br/>
- e) <http://viverlerviver.blogspot.com.br/>

## 2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO DIGITAL E A EMERGÊNCIA DA ERA DO CONHECIMENTO

### 2.1 Sociedade em Rede ou Sociedade da Informação

A humanidade vivencia, na atualidade, profundas transformações ocasionadas principalmente pelas novas tecnologias de informação, que influenciam os diferentes aspectos da vida cotidiana. Estas transformações são reguladas pelo conhecimento científico, pela pesquisa e pela produção industrial.

Com o advento das tecnologias digitais, da Internet e da web<sup>4</sup> 2.0 deu-se a emergência de um novo paradigma social, referido por alguns autores, como sociedade da informação ou sociedade em rede alicerçada no poder da informação.

Em ambientes colaborativos da Web 2.0, a qualquer usuário colaborador é possibilitado efetuar a conceituação de informações, por exemplo, atribuindo *tags*<sup>5</sup> aos conteúdos publicados. Nos ambientes referidos a comunicação acontece de todos para todos, a informação torna-se compartilhada e o armazenamento de informações dá-se em repositórios de informação que a cada momento encontram-se mais descentralizados.

---

<sup>4</sup>Com o termo **Web 2.0** criado em 2004 quer-se enfatizar a segunda geração da web que abriga comunidades e serviços, envolvendo wikis, aplicativos baseados em *folksonomia* - classificação do povo, redes sociais e Tecnologia da Informação, ou seja, um termo que remete a um maior grau de interação e interatividade entre os internautas.

<sup>5</sup> Uma **tag**, ou em português **etiqueta**, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave.

*Tags* ou etiquetas são, usualmente, escolhidas informalmente e como escolha pessoal do autor ou criador do item de conteúdo - isto é, não é parte de um esquema formal de classificação. Normalmente, um item tem uma ou mais *tags* ou etiquetas associadas a ele. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tag\\_\(metadados\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tag_(metadados)). Acesso em 28 de maio de 2013.

Na concepção de Castells (2006) a sociedade da informação, Era do Conhecimento (Lévy, 1998), sociedade do conhecimento (Hargreaves, 2003) ou, ainda, aldeia global (MCLUHAN, 1974).

Conforme Hargreaves, vivemos em um mundo “onde o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e em mudança” (Hargreaves, 2003, p. 33). Para Lévy (1996), trata-se de um mundo “desterritorializado”, no qual não há empecilhos relativos a espaço e tempo a fim de que as pessoas se intercomuniem. Conforme o autor, com o surgimento do ciberespaço, o conhecimento vincula-se à nova dimensão de educação, devido aos novos modos de se construir conhecimento, que supõem a democratização do acesso à informação e as recentes tendências de aprendizagem, utilizando mídias digitais, além da emergência da inteligência coletiva.

A apropriação da tecnologia digital, assinalada principalmente pelo surgimento do computador – em especial, o computador pessoal (PC), e não mais o de uso exclusivo de empresas, indústrias e universidades – teve início no final do século XX, abarcando, a partir de então, um maior número de usuários, configurando-se como importante instrumento de trabalho e de lazer, que também possibilita a conexão com o mundo, por meio da informação.

O computador possui uma arquitetura peculiar composta de unidades de memória e de interfaces para entrada e saída de informações, com a finalidade de processar e transmitir tais dados. Assim, este equipamento é passível de ser encontrado em circunstâncias nas quais a informação digital possa ser processada automaticamente. Segundo Lévy (1999) conectado ao ciberespaço:

Um computador pode recorrer às capacidades de memória e de cálculo de outros computadores da rede (que, por sua vez, fazem o mesmo), e também a diversos aparelhos distantes de leitura e exibição de informações. Todas as funções da informática são distribuíveis e, cada vez mais, distribuídas. O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal. (...) No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si. (Lévy, 1999, pg. 44).



Lévy postula, ainda, que “O espaço cibernético é o espaço onde está funcionando a humanidade hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância profunda principalmente no plano econômico e científico” (LÉVY, 1999, apud PELLANDA 2000, P. 13).

Além disso, na sociedade atual são disponibilizadas múltiplas possibilidades de aprendizagem, pois o espaço físico da escola, tão relevante outrora, no paradigma vigente não mais se caracteriza como o cenário único, nem tampouco inexorável ou estanque, para a produção do conhecimento e capacitação dos sujeitos para a objetividade da vida em sociedade. Nesse sentido, a atualidade é constituída pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), que envolvem a aquisição, armazenamento, processamento e a distribuição de informações por meios digitais.

Para Marshall McLUHAN (1964) a nossa cultura teria conhecido três grandes etapas, separadas por duas grandes revoluções. A primeira etapa o autor denominou cultura oral - auditiva e tribalizada, cuja revolução foi a da prensa gráfica de Gutenberg. Por conseguinte a segunda etapa foi caracterizada como cultura escrita - tipográfica e destribilizada e a grande revolução desse momento histórico foi a audiovisual dos meios de comunicação de massa. A terceira etapa foi, para McLUHAN, o momento da cultura audiovisual - eletrônica e retribalizada.

Conforme McLUHAN (1964), hoje estaríamos vivenciando o apogeu da terceira etapa já referida, assim, a cultura audiovisual-eletrônica é definida não exatamente pelos conteúdos que veicula, mas principalmente pelo modo de veiculação. Nesse sentido, McLUHAN elaborou sua célebre sentença: “os meios são as mensagens” (MCLUHAN, 1964, p. 23). É notório que a afirmação de McLUHAN ressalta o ato de comunicar enquanto elemento de complexa relevância em nossa cultura ocidental, constituindo-se tal elemento sobrepujante às próprias mensagens comunicadas.

Para Castells (2006), a sociedade da informação se caracteriza pela estruturação em redes, uma estrutura que possibilita a circulação da informação em velocidades e quantidades anteriormente difíceis de prever: “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo sendo moldadas, por ela.” (CASTELLS, 2006, p. 40). A comunicação passa a ser processada de muitos para

muitos, facilitando a disseminação de informações e a socialização do conhecimento gerando uma sucessão de comunidades virtuais.

Emerge, portanto, um novo paradigma informacional, que conforme Castells (2006) constitui-se em um modelo atual *tecnoeconômico* que se estabelece a partir do uso intenso das novas tecnologias e das redes de computadores oportunizando, assim, uma maneira atualizada de organização da sociedade e seus hábitos. A partir da emergência desse novo paradigma informacional surgem, também, movimentações na sociedade como um todo que influenciam os indivíduos e suas interações cotidianas. Nesse sentido, a internet constitui-se em um espaço territorial sem demarcações, ou seja, sem fronteiras, do qual surge um novo espaço para relacionamentos.

Ao que concerne à sociedade informacional, esta, conforme afirma Castells (2006, p. 57), “apresenta variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional”. Vale salientar, ainda, a distinção que há entre “sociedade da informação” e “sociedade informacional”, ambos os termos postulados por Castells (2006):

O termo sociedade da informação enfatiza o papel da informação na sociedade. Mas afirmo que informação, em seu sentido mais amplo, por exemplo, como comunicação de conhecimentos, foi crucial a todas as sociedades, inclusive à Europa medieval que era culturalmente estruturada e, até certo ponto, unificada pelo escolasticismo, ou seja, no geral uma infra-estrutura intelectual. Ao contrário, o termo informacional indica o atributo de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico. (CASTELLS, 2006, p 65)

McLUHAN (1964), por sua vez, nomeou o mundo atual e globalizado como “Aldeia Global”. Para este estudioso, natureza e cultura são integradas, complementares e codeterminantes. Nesse sentido, se a cultura se constitui parte integrante da natureza, de outra forma, somente teríamos acesso ao mundo natural através das lentes da cultura e da tecnologia na qual estamos inseridos, o pensador Pierre Lévy (1998) compartilha desta mesma perspectiva.

Desse modo, a Era da Informação, de maneira geral, compõe o vigente momento histórico cujo pilar das relações se instaura por intermédio da informação e da sua capacidade de processamento e de geração de conhecimentos. Para Castells (2006), temos transitado de uma sociedade eminentemente industrial para uma sociedade “informacional”. Assim, segundo este mesmo autor, a sociedade da informação caracteriza-se pela formação das redes que possibilitam a circulação da informação em velocidades e quantidades nunca antes concebidas, além da obtenção, o armazenamento e a distribuição dessas informações por meios eletrônicos, reduzindo as limitações geográficas e favorecendo as relações sociais.

A sociedade em rede é igualmente investigada por Lévy (1999) sendo por ele designada de “cibercultura” e constitui-se em um novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual, originada a partir de uma cultura informática.

Atualmente temos muitos exemplos da Cibercultura o e-learning, ou Educação à distância, por exemplo, que tem obtido cada vez mais adeptos comparando-se à educação presencial. Esta demanda está relacionada ao crescente interesse dos indivíduos pela diversificação e particularização, além da crescente falta de tolerância diante dos formatos rígidos que já não correspondem as suas necessidades reais e especificidades concernentes à trajetórias de vida.

*A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução de custos como no acesso a todos à educação, não é tanto a passagem do presencial à distância, nem do escrito e oral tradicionais à multimídia. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada ( a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, auto-sustentável, móvel e contextual das competências. Nesse quadro, o papel dos saberes públicos deveria ser: garantir a todos uma formação elementar de qualidade.(Lévy, 1999, p. 172)*

Ao explicar o virtual, a cultura cibernética, em que as pessoas experienciam uma nova relação espaço-tempo, Lévy (1998) utiliza a mesma analogia da “rede” para indicar a formação de uma “inteligência coletiva”. Lévy tem usado a expressão inteligência coletiva com o intuito de aludir aos modos coletivos de conhecimento no momento atual de nossa sociedade, referindo-se a uma consciência coletiva, solidária, constituída a partir do compartilhamento de convicções e ideais.

O vocábulo internet é formado por *inter* + *net*, sendo que *net* significa rede, ou seja, rede de computadores e *inter* provém de *international* ou internacional. Assim,

determina-se a internet como o agrupamento de computadores conectados entre si através de várias redes que se conectam umas às outras até formar a grande rede ou internet. É perceptível, portanto, a presença de tecnologias, computadores, infraestrutura e processos de conexão.

A Internet, rede mundial de computadores, originou-se durante a guerra fria<sup>6</sup>, projetada com objetivos militares. Constituíam-se em uma das formas das forças armadas norte-americanas manterem as comunicações em caso de ataques inimigos que ocasionassem a destruição de meios de comunicações tradicionais. Nas décadas de 1970 e 1980 a Internet tornou-se, também, um importante meio de comunicação acadêmico, pois acadêmicos e professores universitários, especialmente, dos EUA, passaram a compartilhar informações e experiências através da rede mundial de computadores.

Entretanto, apenas na década de 1990 a sociedade em geral obteve acesso a Internet. A arquitetura *World Wide Web*, *Web* ou *WWW*, foi desenvolvida em março de 1989 pelo físico inglês Tim Berners Lee<sup>7</sup> (1996), com a colaboração de Robert Cailliau, caracterizando-se como o universo da informação acessível na rede global. Os pesquisadores propunham uma interface gráfica viável e eficaz que possibilitasse a concepção de sites mais dinâmicos e visualmente atrativos, conseqüentemente, a Internet desenvolveu-se de modo vertiginoso. Ambos objetivavam a gestão de informações de modo coerente com a maneira que estas poderiam ser transferidas. Administradas de forma acessível através da *web*, aplicando o hipertexto, este, por sua vez, caracteriza-se em um sistema de navegação por intermédio de *links* que se constituem em uma teia que leva à informações múltiplas e pertinentes ou complementares ao tema pesquisado.

A *Web* é um espaço flexível, volátil fluídico povoado, principalmente, por páginas interconectadas de texto, imagens e animações, com ocasionais sons, mundos tridimensionais e vídeos com os quais as pessoas podem interagir. Comumente confunde-se Web com Internet, Berners-Lee (2001) explana acerca da distinção entre ambas:

---

<sup>6</sup>A Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, disputando a hegemonia política, econômica e militar no mundo. <http://www.sohistoria.com.br/ef2/guerrafria/>. Acesso em 04 de julho de 2013.

<sup>7</sup>BERNERS-LEE in <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/1996/EUUS.html>, acesso em 04 de julho de 2013.

A Web é um espaço de informação abstrato (imaginário). Na Internet você encontra computadores – na Web, você encontra documentos, sons, vídeos,...informação. Na Internet, as conexões são cabos entre computadores; na Web, as conexões são os links de hipertextos. A Web existe devido a programas que se comunicam entre computadores na Internet. A Web não poderia ser criada sem a Internet. A Web tornou a rede útil porque as pessoas estão realmente interessadas em informação (para não citar conhecimento e sabedoria!) e realmente não querem saber de computadores e cabos (BERNERS-LEE, 2001, p.5<sup>8</sup>).

Nesse sentido, a Web caracteriza-se em um ambiente no qual os documentos são publicados, disponibilizados e, conseqüentemente, acessados. Tais documentos são publicados em um formato denominado HTM ou HTML e o grupo de documentos são designados como site ou sítio, estes são disponibilizados pela internet, ou seja, usam a rede de computadores como meio de acesso e, para serem acessados por internautas através de diversos navegadores.

Assim, o texto em ambiente digital apresenta uma nova arquitetura de leitura e de escrita, especialmente, por caracterizar-se como hipertexto. Para Ramal (2002), esse novo modo de ler representa o surgimento de um novo espaço de leitura e de escrita e, ainda, de apropriação de conhecimentos:

As letras concretas e palpáveis se transformaram em bites digitais; a página em branco é o campo do monitor; a pena é o teclado e há uma estranha separação entre nosso corpo, real, e o texto, virtual. Até não ser impresso o texto pode ficar indefinidamente nessa outra materialidade. (RAMAL, 2002, p. 65.)

Essa nova interface para a leitura e a escrita, que se constitui em um novo espaço de interações é propiciado pela realidade virtual e notoriamente pertencente ao novo paradigma social da atualidade, designado pelo filósofo Lévy (1999) como Cibercultura.

---

<sup>8</sup>BERNERS-LEE (in <http://www.w3.org/People/Berners-Lee/FAQ.html#InternetWeb>, acesso em 04.07.2013). No original: “Web is an abstract (imaginary) space of information. On the Net, you find computers -- on the Web, you find document, sounds, videos, information. On the Net, the connections are cables between computers; on the Web, connections are hypertext links. The Web exists because of programs which communicate between computers on the Net. The Web could not be without the Net. The Web made the net useful because people are really interested in information (not to mention knowledge and wisdom!) and don't really want to have know about computers and cables” (Tradução nossa).

Dessa maneira, o embasamento social da Internet é o alicerce da sociedade em rede, conforme assinala Castells (2006). Porém, a Internet deve ser concebida como uma rede que congrega múltiplos grupos de redes, sendo que tais redes não se constituem somente de computadores, mas também de pessoas e de informações. Assim, essa comunidade configura uma nova cultura que Lévy denomina de cultura do ciberespaço, ou “cibercultura”:

Deleuze postula em sua *primeira série de paradoxos: do puro devir*, que “Alice<sup>9</sup> não cresce sem ficar menor e inversamente” (DELEUZE, 1974, p. 1 *apud* LEÃO, 1999, p.25). O sistema de localização de informações por meio da internet pode ser caracterizado como uma ampla biblioteca hipermidiática, isto é, um conjunto de arquivos hipertextuais. Leão (1999) afirma que:

Pesquisar na WWW é ao mesmo tempo se encontrar nas multiplicidades e se perder; é avançar e recuar o tempo todo; é não mais separar e ao mesmo tempo, com todas as forças tentar distinguir; é o ilimitado e o limitado que tentam se manifestar e se confundem; enfim nas palavras de Deleuze (1974, p. 61) é o jogo ideal de Alice (LEÃO, 1999, p.25).

As características anteriormente referidas abarcam o ciberespaço e aludem à acessibilidade a um número indeterminado, talvez infinito, de informações e recursos que outrora não estavam disponíveis à coletividade, no que concerne à navegação pela Internet.

Santaella (2004) salienta que “no contexto comunicacional da hipermídia, o infonauta lê, escuta e olha ao mesmo tempo” (SANTAELLA, 2004, p. 182) uma experiência assim, orienta o navegador no ciberespaço a distintos modos de ler e, por conseguinte, de apropriar-se do conhecimento de modo ágil, ou seja, o leitor ajustado ao espaço virtual possui suas contingências de aprendizagem ampliadas.

Para Ramal (2002) na atualidade vivenciamos uma estranha separação entre o nosso corpo (real) e o texto (virtual). Até que seja impresso (atualizado), o texto pode ficar indefinidamente nessa virtualidade. É um novo modo de lidar com a escrita, característico de um momento que alguns denominam pós-moderno e outros cibercultura (RAMAL, 2002, p. 37).

---

<sup>9</sup> CARROLL, L. *As aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

## 2.2 Contextualizando o ciberespaço e a cibercultura

O prefixo *cyber* procede do grego e significa “controle”, assim, na década de 1940, o físico Norbert Wiener<sup>10</sup> concebeu o vocábulo cibernética com o intuito de delimitar a ciência da comunicação e do controle, quer nos seres vivos, ou nas máquinas Kellner (2001). Ao longo do tempo, nesse sentido, o prefixo *ciber* tem feito menção a expressões concernentes ao âmbito da ciência da computação. A gênese do termo ciberespaço está na literatura. William Gibson, pioneiramente, empregou o vocábulo ciberespaço (*cyberspace*) em suas obras literárias. Referente ao vocábulo ciberespaço, apesar de encontrarmos frequentemente a informação de que o referido termo tenha sido cunhado, inicialmente, pelo norte-americano William Gibson em seu livro de ficção científica, *Neuromancer* publicado em 1984, Kellner (2001) elucida que o mesmo foi empregado, primeiramente, em 1982 por Gibson em um conto de sua autoria intitulado *Burning Chrome*.

O livro de ficção científica *Neuromancer* (GIBSON, 2003) excede a categoria ficcional e se tornou um referencial acerca das teorias relacionadas ao Ciberespaço e a Internet. O romance caracteriza-se em um importante estudo sobre como a informática pode alterar a convivência humana, o andamento da sobrevivência e a compreensão da realidade.

Alex Antunes, tradutor da edição brasileira de *Neuromancer* (GIBSON, 2003), afirma no prefácio desta obra que:

O ciberespaço é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da 'informação'. Um lugar pra onde se vai com a mente, catapultada pela tecnologia, enquanto o corpo fica pra trás. (GIBSON, 2003, p.5-6).

Em diferentes manifestações artísticas o universo virtual tem sido explorado constantemente. Em obras literárias como o romance *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (2002) de Lewis Carroll, *O Aleph* (2008) de Jorge Luis Borges, ou *Neuromancer* (1984) de William Gibson e produções cinematográficas como *O Mágico de Oz* (1939) *O Passageiro do Futuro* (1992) dirigido por Brett Leonard e *Matrix* (1999) direção de Andy Wachowski e Lana Wachowski exprimem

---

<sup>10</sup>Norbert Wiener foi um matemático estadunidense, conhecido como o fundador da cibernética. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Norbert\\_Wiener](http://pt.wikipedia.org/wiki/Norbert_Wiener). Acesso em 28 de maio de 2013.

o anseio do homem no sentido de romper os limites sensoriais<sup>11</sup> do que acreditamos constituir-se na realidade e alcançar novos paradigmas tecnológicos e cognitivos que a realidade virtual infere.

Na atualidade, vivenciamos a emergência de um universo virtual, certamente similar ao previsto pelos autores citados anteriormente, ou seja, esse novo universo, constituído pela internet, pelo ciberespaço, que tem suscitado discussões em diferentes áreas do conhecimento humano e, em especial, no campo linguístico por meio, principalmente, de uma ampla produção de artigos pesquisas científicas e concernentes à linguagem e tecnologia.

Pierre Lévy afirma que: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 1999, p. 47).

O filósofo e pensador Pierre Lévy foi um dos primeiros estudiosos a se dedicar às pesquisas concernentes à tecnologia emergente da Internet. Para Lévy (1999), a expansão do ciberespaço está associada aos seguintes fatores: à interconexão, à construção de comunidade virtuais e à inteligência coletiva. Sendo que, para Pierre Lévy (1999), a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências” (LÉVY, 1999, p. 28).

A crescente utilização de novas tecnologias ou mídias de convergência (computador, celulares, Internet, cartão magnético, caixa eletrônico, etc.) na vida cotidiana e social requer dos indivíduos a aprendizagem de determinados comportamentos, atitudes e raciocínios. A partir desse contexto, alguns estudiosos passaram a refletir a respeito de uma nova arquitetura de leitura que se dá no ciberespaço e nós estamos interessados em averiguar os resultados e efeitos deste tipo de leitura no ciberespaço.

---

<sup>11</sup>O sistema sensorial é a parte do sistema nervoso responsável pelo processamento de informações sensoriais. O Sistema sensorial consiste nos receptores sensoriais, nos neurônios aferentes, e nas partes do cérebro envolvidas no processamento da informação. Os sentidos são os meios através dos quais os seres vivos percebem e reconhecem outros organismos e as características do meio ambiente em que se encontram -- em outras palavras, são as traduções do mundo físico para a mente. Os mais conhecidos são cinco: a visão, audição, tato, paladar e olfato, mas é consenso na comunidade científica que os seres humanos possuem muito mais. Não há, porém, acordo na quantidade, pois isso depende da definição não muito sólida do que constitui um sentido. (Enciclopédia On-line Wikipédia disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema\\_sensorial](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_sensorial)). Acesso em 30 de junho 2013.



Para Lévy o ciberespaço constitui-se em “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, pág. 92). Desse modo, Lévy caracteriza a dinâmica desse novo espaço como:

O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o *sistema do caos*. Encarnação máxima da transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades de sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de "universal sem totalidade". Constitui a essência paradoxal da cibercultura (LÉVY, 1999, p. 111).

Constitui-se, portanto, em um novo meio de comunicação estruturado, evidenciado pelos novos espaços de sociabilidade, comunicação, informação e conhecimento. Ao navegarmos pelo ciberespaço, ou seja, pela interconexão mundial dos computadores, integramos uma ampla comunidade prolífica em dispositivos de comunicação através da qual nos é possibilitado vivenciar o compartilhamento de informações.

Para Lemos e Lévy (2010), a propagação de espaços de diálogo virtuais associados à desterritorialização das realizações de autores e leitores ressalta a política intrínseca e sua predisposição em favorecer o trânsito livre de informações ou a liberação da palavra ou, segundo Lévy inteligência coletiva. Nessa concepção “[...] o cibercidadão pode descobrir na rede uma pluralidade de proposições que ele não teria jamais imaginado. Mais ainda, na web, pensamentos são expressos por aqueles que os produzem e os pensam [...]” (LEMOS E LÉVY, 2010, p. 88).

De acordo com Deleuze e Guattari (2011), o labiríntico ciberespaço pode ser conceituado como um rizoma. A definição elementar concebida para referir esta teoria das multiplicidades é o conceito de "*rizoma*" sendo que a mesma multiplicidade é o alicerce do rizoma. Deleuze e Guattari (2011) se apropriaram da palavra rizoma a partir da ciência botânica, os autores referem-se à natureza "*rizomática*" do pensamento humano ao explicar um conceito próprio de rizoma:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser",

mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE, 2011, p. 48).

Nesse sentido, os autores afirmam “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE, 2011, p. 22). Tal conceito, proposto por estes autores, aponta para teoria das multiplicidades. Deleuze e Guattari (2011) assinalam a necessidade de uma ruptura no raciocínio ocidental, que tem sido preponderante enquanto pensamento desde o princípio da civilização, com o intuito de nos conduzir a uma perspectiva que agregue a multiplicidade das conexões que constituem o fundamento de todos os sistemas, especialmente na sociedade atual:

As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (...) Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com a multiplicidade). Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 23 - 24).

O platô caracteriza-se como o ponto de fuga, a linha de fuga, e atua quando o rizoma pode ser quebrado (desterritorializado, como o ciberespaço o é). “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas.” (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 25)

Assim, ao longo dos platôs é perceptível como o conceito de rizoma atua perfeitamente como o ponto de partida para se compreender as multiplicidades por elas próprias, visto que o fundamento do rizoma é a própria multiplicidade. Deleuze e Guattari (2011) descrevem o ser humano relacionado ao ciberespaço:

Escrevemos o Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuimos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que

não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 17)

Em lugar de um pensamento linear, do qual a metáfora é a árvore, matriz unitária da qual derivam todas as raízes e todos os galhos, o novo raciocínio se identificaria mais à estrutura múltipla e adaptável dos rizomas, com suas caules subterreos que se alastram a partir de conexões, bulbos e linhas de fuga. Para os pensadores, “a árvore ou a raiz inspiram uma triste imagem do pensamento que não pára de imitar o múltiplo a partir de uma unidade superior, de centro ou de segmento” (DELEUZE, 2011, p. 35).

Este modo de pensamento não seria adequado ao abranger o real, pois, a utilização cotidiana das tecnologias em rede, nas diversas dimensões da realidade atual, acentua, ainda mais, a discussão de que nosso próprio pensamento organiza-se também em rede, ou seja, como afirma Deleuze e Guattari (2011) “rizomaticamente”, visto que “o pensamento não é arborescente e o cérebro não é uma matéria enraizada ou ramificada”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p. 34).

O ciberespaço caracteriza-se em um cenário interativo e receptivo, no qual múltiplas vozes estão conectadas propensas a contribuir com sua escrita a fim de aliar-se a esse território hipertextual embasado na inteligência coletiva.

Conforme Santaella (2004) “[...] ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela” (SANTAELLA, 2004, p. 45).

Lévy, em seu livro *Cibercultura* (1999), postula que a tecnologia não é um ator autônomo, apartado da sociedade e da cultura, pois as ações humanas, conforme Lévy abrangem, de forma indissolúvel, interações entre “pessoas vivas e pensantes, entidades materiais naturais e artificiais, ideias e representações”, Lévy (1999, p. 17) acrescenta ainda:

[...] que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. (LEVY, 1999, p.17)

A cibercultura para Lévy (1999) é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço”. Desse modo, a cibercultura é correlacionada às muitas intervenções que as tecnologias operam sobre as formas de civilidade na atualidade pertinentes ao trabalho, à educação, à sociabilidade, ao lazer, ao comércio, etc.

Janet Murray (2003) salienta a continuidade da Internet como uma de suas características fundamentais e acerca desta explana:

Computadores são o meio de maior capacidade jamais inventado, prometendo recursos infinitos. Devido à eficiência da representação de palavras e números no formato digital, podemos armazenar e recuperar quantidades de informação muito além do que antes era possível. (...) Uma vez que passamos para os bancos de dados globais da internet, acessíveis através de uma teia mundial de computadores interligados, os recursos crescem exponencialmente. Tão importante quanto a enorme capacidade dos meios eletrônicos é a expectativa enciclopédica que eles induzem. Uma vez que toda forma de representação está migrando para o formato eletrônico e todos os computadores do mundo são potencialmente acessíveis entre si, podemos agora conceber uma única e compreensível biblioteca global de pinturas, filmes, livros, jornais, programas de televisão e bancos de dados, uma biblioteca acessível de qualquer parte do globo. É como se a versão moderna da biblioteca de Alexandria, que continha todo conhecimento do mundo antigo, estivesse a ponto de se rematerializar na vastidão infinita do ciberespaço (MURRAY, 2003, p. 88).

A expansão do ciberespaço é a virtualização, assim Levy (1999) conceitua o virtual distinguindo-o do senso comum, para o autor o virtual não se opõe ao real, nem ao material e, mesmo que não esteja constante em alguma coordenada de tempo e espaço, o virtual existe, ele é real, porém encontra-se desterritorializado. De fato, ele ocupa somente um espaço físico menor, isto é, o computador. Desse modo, o computador se tornou mais que uma ferramenta de produção de sons, textos e imagens ele passa a ser um operador da virtualização.

Assim, a expansão do ciberespaço é orientada por três fundamentos primordiais: a interconexão, a criação de comunidades e a inteligência coletiva virtuais. A interconexão, mundial ou local, é um princípio elementar do ciberespaço, visto que a sua dinâmica é dialógica. As comunidades virtuais “são construídas

sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p.127).

Nesse sentido, a inteligência coletiva pode ser considerada a finalidade última do ciberespaço, pois ela caracteriza um tipo de inteligência compartilhada que emerge da colaboração de muitos indivíduos provenientes de suas diversidades. “É uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2007, p. 212).

Segundo Henry Jenkins (2009), “estamos entrando agora na cultura da convergência. Não surpreende que ainda não estejamos prontos para lidar com suas complexidades e contradições. Temos de encontrar formas de transpor as mudanças que estão ocorrendo” (JENKINS, 2009, p. 52).

A convergência conforme Jenkins (2009) é uma palavra que compreende as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, resultando de quem está falando e do que acreditam estar falando. Convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva, ou seja:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 27)

É notório que as transformações socioculturais e as tecnológicas interferem diretamente no comportamento dos indivíduos em geral educadores, leitores e produtores textuais. Nesse sentido, convém delinear caminhos para que tais atores do ciberespaço e da cibercultura possam direcionar sua própria sensibilização com relação ao critério concernente à seleção de suas práticas de leitura e de escrita.

### **2.3 Cibercultura: entre o excesso de informação e a produção de conhecimento**

Por um longo período, o compartilhamento de informações, conhecimentos e experiências entre sujeitos, ou entre grupos diversos, dava-se de modo demasiadamente lento. Atualmente, as informações e o conhecimento propagam-se de maneira dinâmica pelo ciberespaço onerando, relativamente, pouco seus

usuários e, dessa forma, influenciam mudanças concernentes aos indivíduos e a valores no âmbito social, político, econômico e religioso.

A problemática que envolve a informação, a comunicação e o conhecimento está presente cotidianamente na vida do sujeito da atualidade, pois, as tecnologias da informação e comunicação propiciaram novos espaços de construção do conhecimento. A sociedade atual é conectada e os sujeitos encontram-se vinculados à tecnologia diariamente. Na atualidade, nas diversas áreas de atuação profissional é que há a presença de ao menos um computador conectado à rede mundial de computadores, comumente conhecida como WWW.

A partir das transformações em trâmite, alguns estudiosos postulam a ocorrência de uma revolução tecnológica, contudo, há autores que afirmam que estamos vivenciando somente transformações tecnológicas em ampla proporção. Castells (2006) postula que:

[...] não é a centralidade de conhecimentos e informações, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivo de processamento, comunicação de informação em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso [...] Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo. (CASTELLS, 2006, p. 69)

Dessa maneira, a totalidade do processo que experimentamos na atualidade se situa na competência produtiva da mente humana. De acordo com Lévy (2001) as tecnologias digitais tornaram-se inerentes ao processo de pesquisa e de promoção de conhecimento e constituem-se em instrumentos intelectuais e culturais que viabilizam o crescimento de redes de inteligência coletiva. Contudo, Morin (1986) afirma que "é indispensável uma estratégia de conhecimento" Morin (1986, p. 29).

Na atualidade, a informação constitui-se em elemento de poder e possibilidade de transformação social. Entretanto, Edgar Morin (1986) em seu livro *Para sair do século XX* avalia aspectos negativos da comunicação atual o pensador salienta que, atualmente: "Sofremos simultaneamente de subinformação e superinformação, de escassez e excesso" (Morin, 1986, p. 31). O autor ressalta, ainda, a importância das "filtragens" que os indivíduos podem estabelecer para si próprios, em face das inúmeras informações, pois a transmissão de notícias, muitas vezes, distorce e esconde o real. Nesse sentido, é notório que a sociedade da

informação exige do sujeito contemporâneo habilidade para receber, relacionar, construir e produzir informações sistematizadas em conformidade com o saber coletivo, porém criteriosamente avaliadas pelo próprio sujeito a partir de sua experiência particular, ou seja, diante da informação o internauta precisa ser um crítico.

Segundo Castells (2006) a informação é imprescindível para sistematizar a produção de conhecimentos e suprir às necessidades dos indivíduos e das organizações. O conhecimento, por sua vez, para Castells (2006) caracteriza-se em “um conjunto de declarações organizadas sobre fatos e ideias, apresentando um julgamento ponderado ou resultado experimental que é transmitido a outros por intermédio de algum meio de comunicação” (Castells, 2006, p.416).

Informação e conhecimento caracterizam-se em derivações basilares de produtividade e competitividade na nova economia informacional sendo que esta consistirá basicamente da aptidão em gerar, processar e aplicar eficientemente a informação fundamentada em conhecimento.

Assim, os autores utilizados para tratar da questão do ciberespaço, como Lévy, Castells, Jenkins, Morin, entre outros, acreditam que é possível a construção do conhecimento e do senso crítico do leitor diante das inúmeras manifestações no ciberespaço, inclusive discutindo a questão da inteligência coletiva. Nesse sentido, Assmann (2000) assevera que “o conhecimento não se manifesta de modo automático e pronto, há um processo educativo de construção do conhecimento” (ASSMANN, 2000, p.9), tal processo de construção do conhecimento diante dos usos das tecnologias de comunicação digital pode ser acentuado orientando-se para além da apreensão de informações desconectas.

Conforme Assmann (2000), nem toda informação pode ser equiparada a conhecimento, entretanto toda informação pode ser categorizada, averiguada, ponderada e processada de diversos modos a fim de proporcionar conhecimento e levar a produção de novos conhecimentos a partir de sua interlocução com o real e com o sujeito do conhecimento. Assim, o conhecimento não se manifesta de modo automático ou pronto, há um processo educativo de construção de conhecimento. Nesse sentido, conhecimento pode ser considerado como um conjunto de manifestações organizadas acerca de fatos ou ideias, que possibilitem externar uma avaliação razoável ou um resultado empírico que pode ser transmitido mediado por

meio de comunicação, de modo sistemático, portanto a informação é a comunicação de conhecimentos, isto é, são dados que foram organizados e comunicados.

Lévy (1996) ao debater acerca da conexão entre informação, conhecimento (e saber) enquanto ato de criação, define:

[...] Quando utilizo a informação, ou seja, quando a interpreto, ligo-a a outras informações para fazer sentido, ou, quando me sirvo dela para tomar uma decisão, atualizo-a. Efeito, portanto um ato criativo, produtivo. O conhecimento, por sua vez, é o fruto de uma aprendizagem, ou seja, o resultado de uma virtualização da experiência imediata. Em sentido inverso, esse conhecimento pode ser aplicado, ou melhor, ser atualizado em situações diferentes daquelas da aprendizagem inicial. Toda aplicação efetiva de um saber é uma resolução inventiva de um problema, uma pequena criação. (LÉVY, 1996, p.58 )

A sociedade na qual estamos inseridos é profundamente marcada pelos meios de comunicação e considerada capitalista, também denominada sociedade de consumo, e nesta sociedade as informações podem ser consideradas como mercadorias.

Diante de uma informação no ciberespaço o leitor, ao interagir neste ambiente, se apropria desta nova concepção de valor atribuída à informação, pois, inicialmente, sucedeu uma busca, seguida pelo encontro de uma resposta ou de um pensamento que possui um real significado para o internauta naquele momento:

Todo ato registrável cria efetivamente ou virtualmente informação, ou seja, numa economia da informação, riqueza. Ora, o ciberespaço é por excelência o meio em que os atos podem ser registrados e transformados em dados exploráveis. Por isso o consumidor de informação, de transação ou de dispositivos de comunicação não cessa, ao mesmo tempo, de produzir uma informação virtualmente cheia de valor. (LÉVY, 1996, p. 63) virtual, tornando-se,

Lévy complementa, ainda, que o consumidor de informação produz constantemente informação assim, coprodutor das informações que consome. O universo online não possui obstáculos geográficos a serem confrontados e mesmo o que aparenta ser/estar muito distante, está próximo. O autor ainda comenta que “cada um, a todo instante, contribui para o processo da inteligência coletiva” (LÉVY, 1996, p. 69). Por estarmos integrados em um universo global e virtual e deste tomarmos parte, tal integração conduz a cada um de nós a desempenhar seu papel



de modo a contribuir e, inclusive, intervir na maneira de pensar coletivamente, e mutuamente, visto que, ao interagir, também intervêm na maneira de pensar e de agir coletivamente.

Pellanda (2005) preconiza que ao produzirmos informação (experimentamos, analisamos, concordamos, discordamos, interpretamos, etc.) agregando as nossas experiências particulares concebemos o conhecimento. Dessa forma, na atualidade, o sujeito tornou-se o autor do conhecimento inerente ao seu próprio contexto, ao navegar pela internet pesquisa assuntos de seu interesse, identifica-se com sites relacionados à sua experiência pregressa e, em liberdade, abandona-se na imensa teia da rede, construindo o conhecimento. Lévy (1996, p. 45) afirma que “O navegador pode se fazer autor de maneira mais profunda do que percorrendo uma rede preestabelecida; participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações”.

Ao navegar pela rede, através do hipertexto em determinado site podemos ser redirecionados a outros cenários ou podemos optar por deixar o referido site para ir em busca do que possua maior sintonia com nossos interesses Assim, somos relativamente livres ao optar pelo percurso que iremos percorrer pela teia da rede ao buscarmos o conhecimento que nos interessa e nos é pertinente.

Conforme Lévy (2000), no ciberespaço sucede a partilha de comunicação, o pensador ressalta, ainda, que esta comunicação é de “todos para todos”. Lévy (1999) define ciberespaço como:

o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso (LÉVY, 1999, p.92)

Atualmente, o virtual não pode ser considerado tão virtual como outrora, visto que, por exemplo, a imensa maioria de nós compramos frequentemente pela internet e nas diferentes áreas profissionais muitas reuniões têm ocorrido através de videoconferências. Nesse sentido, na dinâmica virtual, convém que haja a associação de seres vivos, da natureza e das coisas com a finalidade de expansão do conhecimento através do compartilhamento, pois segundo Pellanda (2005) na

Cibernética os seres vivos, a natureza e as coisas estão em uma mesma perspectiva.

Conforme Lévy, agimos sobre associações virtuais desde o instante em que interligamos redes, inicializamos sistemas, acessamos janelas, remetemos ou preservamos informações, mantemos barreiras, garantimos a segurança, criamos ou modificamos representações e imagens, pois ao fazê-lo interferimos de uma maneira ou de outra na evolução das linguagens em uso e dos signos a serem articulados, partir do momento em que montamos redes, abrimos janelas, encaminhamos ou retemos informações, mantemos barreiras, garantimos a segurança, criamos ou modificamos representações e imagens, pois ao fazê-lo interferimos de uma maneira ou de outra na evolução das linguagens em uso e dos signos a serem articulados, transformando ou mantendo os valores e os afetos sociais.

#### **2.4 Pierre Lévy e a Inteligência Coletiva**

A inteligência coletiva consiste em uma categoria de estudo multidisciplinar que vem sendo discutida por diversas áreas do conhecimento. O referido tema está intrinsicamente relacionado ao conceito de informação e às TICs, assim considera-se como pertinente a discussão do tema neste trabalho.

O conceito de inteligência coletiva foi concebido a partir de alguns debates realizados por Pierre Lévy acerca de um modo de pensamento sustentável, por intermédio de conexões sociais, que se tornam possíveis pela utilização da Internet. O pensador propõe a utilização das ferramentas de comunicação (Internet, por exemplo) para o compartilhamento de conhecimento.

As tecnologias da inteligência são constituídas, principalmente, pelas linguagens, pelos sistemas de signos, e processos lógicos. Nesse sentido, nossas competências intelectuais seriam, também, reguladas por essas representações. Conforme Lévy (2007) a inteligência coletiva:

É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Acrescentamos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas (Lévy, 2007, p. 28-29).

Assim, por “uma inteligência distribuída por toda parte” (Lévy, 2007) é possível compreender que o saber não se restringe apenas a alguns grupos privilegiados, o saber vincula-se à humanidade. A afirmação de Pierre Lévy enaltece os sujeitos em geral, ou seja, cada pessoa é capaz de agregar algo relativo ao contexto da condição de vida da atualidade, independente do grau de escolaridade, etnia e posição social.

Dessa maneira, a concepção de inteligência coletiva, concebida por Lévy, não concerne somente de um conceito relacionado aos aspectos cognitivos, ela é mais abrangente, pois se relaciona a um projeto mundial que pressupõe ações práticas que sejam destinadas à mobilização das competências dos indivíduos buscando, de fato, o alicerce e o objetivo da inteligência coletiva, que é o reconhecimento e o enriquecimento mútuo daqueles que se envolvem nessa proposta (LÉVY, 2007).

Para Lévy (2007), a inteligência coletiva é uma categoria de estudo e reflexão na qual é considerada facilmente compartilhada entre todos os indivíduos e não está restrita a poucos privilegiados. O saber encontra-se na humanidade e todos os indivíduos podem oferecer conhecimento, desse modo, indivíduo algum pode ser considerado frívolo ou descartável neste contexto. Assim sendo, o autor postula que a inteligência coletiva deve ser constantemente valorizada.

Entende-se, assim, que a inteligência não é apenas valorizada, mas também distribuída e coordenada em “tempo real”, concernente a este argumento é possível associar as tecnologias ao que é propagado através da Internet, usuários nesta Inteligência Coletiva, através de *blogs*, fóruns, comunidades e *wikis* que podem promover, por intermédio das interações, suporte para uma *web* e aprendizagem colaborativa. Desse modo, são asseguradas a democratização e a constante atualização da informação. Conforme Lévy, a inteligência coletiva somente evolui quando ocorre cooperação e competição concomitantemente.

Tais aspectos resultam na mobilização das competências, porém, a priori é necessário identificá-las com intuito, também, de valorizar as inteligências individuais a fim de reconhecer no outro sua inteligência.

Contudo, Lévy (1996) afirma que as tecnologias da inteligência presentes na atualidade não apresentam respostas para velhos problemas, apesar de mostrarem-se eficientes para fomentar o fluxo de virtualização da inteligência. Em sua obra *Cibercultura* (LÉVY, 1999), o autor vai além e afirma que “a finalidade da inteligência

coletiva é a de colocar os recursos de grandes coletividades a serviço das pessoas e dos pequenos grupos” (LÉVY, 1999, p. 199-200).

O trabalho coletivo, permeado pela inteligência coletiva, possibilitou o desenvolvimento de redes, a permuta de informações, novos modos de acesso, construção e compartilhamento de conhecimentos com auxílio das TICs.

Quando a inteligência coletiva assume sua relevância, a atribuição do professor não mais caracteriza-se apenas pelo viés da epistemologia convencional, de transmissor de conhecimento, onde “educar era enquadrar, ensinar era repassar verdades e certezas” (ASSMANN, 2007, p. 75). Pois, em um contexto colaborativo há um intercâmbio de saberes, para Lévy (1998) a possibilidade de uma Inteligência Coletiva, que se constrói no ambiente de rede, dá-se mediante o intercâmbio de saberes, na troca e construção de novos saberes. Conforme Lévy:

A rede é, antes de tudo, um instrumento de comunicação entre pessoas, um laço virtual em que as comunidades auxiliam seus membros a aprender o que querem saber. Os dados não representam senão a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo, altamente elaborado. Enfim, toda inteligência coletiva do mundo jamais dispensará a inteligência pessoal, o esforço individual e o tempo necessário para aprender, pesquisar, avaliar e integrar-se a diversas comunidades, sejam elas virtuais ou não. A rede jamais pensará em seu lugar, fique tranquilo.” (LÉVY, 1998, p.2)

Desse modo, a aprendizagem está em processo de constante transformação, nesse processo a identidade cognitiva e os saberes do sujeito precisam ser respeitadas, entretanto, a construção e produção do conhecimento, por serem criativas e coletivas, encontram-se continuamente em transformação mediadas pelo outro, dessa forma inova ao não mais mensurar a inteligência para desviar as atenções aos saberes dos sujeitos.

Assim, as tecnologias atuais de comunicação e informação viabilizam a diferentes grupos de sujeitos a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos. O formato social e atual, no qual tais compartilhamentos se dão, pode ser considerado inusitado no que tange a democracia. Nesse sentido, o fato de compreendermos o ciberespaço, a cibercultura e a inteligência coletiva pode nos auxiliar para que possamos nos beneficiar dos saberes disponibilizados atualmente para os diferentes âmbitos de vida.

### 3 LEITURA E CIBERESPAÇO

A passagem da oralidade para a escrita operou mudanças na subjetividade e no modo de pensar dos indivíduos transformando, desse modo, a consciência humana, conforme postula Ong (1998):

Sem a escrita a mente letrada não pensaria e não poderia pensar como pensa, não apenas quando se ocupa da escrita, mas também normalmente, quando está compondo seus pensamentos de forma oral. Mais do que qualquer outra invenção individual, a escrita transformou a consciência humana. (ONG, 1998, p.32)

Novos cenários, que também influenciam a subjetividade humana, têm se configurado ao longo dos séculos. Nos dias atuais, a sociedade vem passando por profundas modificações socioculturais em ritmo crescente e acelerado condicionado por inúmeros fatores, entre eles os avanços das novas tecnologias. Desse modo, há a necessidade de averiguar que sentidos estão presentes na leitura que está posta no ciberespaço e que mudanças estas práticas podem suscitar, para o contexto dos processos de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, é relevante pesquisar as novas práticas sociais de leitura e escrita com a presença da tecnologia digital em contextos de práxis<sup>12</sup> educativas. E, ainda, averiguar quais são as implicações para a formação de leitores que transitam do papel para a tela ou écran do computador. De acordo com Soares (2002) letramento é “o estado ou condição de indivíduos ou de grupos sociais de

---

<sup>12</sup>A expressão práxis refere-se à atividade livre, universal, criativa e autocriativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e também transforma (conforma) o seu mundo humano e histórico e a si mesmo, atividade específica do homem que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. (VAZQUÉZ, 1988).

sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, participam competentemente de eventos de letramento” (2002, p.3).

A leitura é importante em todos os níveis educacionais e nos diferentes estágios da existência humana. Dessa forma, deve ser iniciada no período de alfabetização e prosseguir ao longo dos diversos estágios do ensino formal.

A relevância da leitura na formação do educando é um tema amplamente discutido no meio acadêmico. No entanto, no contexto contemporâneo, da cibercultura, emergem novas indagações, uma vez que temos uma cultura contrária a que aponta Derrida (2004), sobre “A questão do livro não se confunde, enfim, com a dos suportes”. Nesse sentido, buscamos refletir a respeito da formação de leitores no atual contexto da era digital, partindo do reconhecimento do papel social do livro e da importância da formação de leitores, desde o surgimento do livro enquanto instrumento propício ao homem para “ampliar suas aptidões naturais até convertê-lo na criatura mais poderosa, ou como vem sendo chamado, no rei da criação” (ESCOLAR, 1977, P. 3).

As análises que também alicerçam esta dissertação constituir-se-ão a partir de pressupostos e subentendidos de Ducrot (1987). Conforme este autor (1987): “uma situação comunicativa, uma vez materializada pelo discurso verbal e não verbal, constitui-se de uma **carga ideológica** bastante significativa. Nesse sentido, equivale dizer que tais aspectos se integram ao que chamamos **de discurso**”.

Vale afirmar, portanto, que além dos elementos de ordem palpável, como letras e imagens, existem também aqueles relacionados ao sentido, os quais dão sustentabilidade e participam de forma ativa na construção da mensagem de uma imagem mental.

Nesta pesquisa, buscamos transitar teoricamente pelos diferentes suportes de leitura, ou seja, o impresso e o digital e, finalmente, refletindo, especialmente, acerca da leitura na contemporaneidade, mediada pelo hipertexto e pelas mídias digitais. Em um meio digital há a criação de um espaço de leitura no qual o leitor opta pelo percurso de leitura através de *links*. A possibilidade de acesso a diferentes *links* conduz a uma leitura não linear, ou seja, o leitor pode escolher o caminho de leitura a ser percorrido, a partir de seus subsunções<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup>Termo usado na psicologia (David Ausubel-teoria da aprendizagem significativa) para estruturas cognitivas existentes, responsáveis por novas aprendizagens.

Nesse sentido, um subsunçor pode ser descrito como um arcabouço específico, ou uma informação preliminar, ao qual uma nova informação é passível de ser incorporada ao cérebro humano. Contudo, no momento em que o processo de ensino aprendizagem não instaura a relação entre o conteúdo que está sendo apresentado com algo já assimilado, ou quando não é possível impulsionar um subsunçor, ocorre uma Aprendizagem Mecânica.

Nesta modalidade de aprendizagem os novos conhecimentos não são associados com nenhuma informação presente na estrutura cognitiva, o que ocasiona a necessidade de frequente reiteração de informações ou a memorização de dados de aprendizagem, sendo que não se estabelece a relação do conteúdo que está sendo apresentado com algo já conhecido.

Quando não é possível ativar um subsunçor, ocorre uma Aprendizagem Mecânica. Neste tipo de aprendizagem as novas informações não são associadas a dado algum ativo na estrutura cognitiva, o que suscita a constante repetição de informações ou a memorização de dados ou estruturas, que tem sua validade por certo momento.

Desse modo, com a reiteração de dados e informações e a falta de associação com um subsunçor é o que sucede na *práxis* reiterativa, assim não há a valorização do conhecimento prévio do educando ocorre apenas a reprodução do conhecimento. Ausubel (1982) salienta, ainda, conforme os conteúdos são apresentados de forma receptiva e com maior frequência, isentos de associação com alguma estrutura cognitiva prévia e relevante, mais contíguo é de uma aprendizagem fechada, repetitiva ou mecânica.

A aprendizagem significativa requer não só que o material de aprendizagem seja potencialmente significativo (i.e., relacionável à estrutura cognitiva de maneira não-arbitrária e não-literal), mas também que o aprendiz manifeste uma disposição para relacionar o novo material de modo substantivo e não-arbitrário a sua estrutura de conhecimento (AUSUBEL, 1968, p. 37-38).

Assim, construindo e atribuindo sentidos a esses discursos de maneira diversa da leitura realizada na linearidade espacial do papel, o que lhe facultará a construção o enriquecimento de conhecimento prévio que ele já possuía, anteriormente às leituras.

Além disso, a internet possibilita o acesso e o contato com inúmeros e diversificados conteúdos. Atualmente, a leitura de obras completas faz-se possível

na tela do computador, além do acesso facilitado aos *audiobooks*<sup>14</sup>. Dessa maneira, no ciberespaço, a linearidade textual subjaz ao hipertexto, que se faz presente.

É indubitável a necessidade de reflexão sobre a temática da leitura no ciberespaço, através da perspectiva de um estado ou condição dos que exercem as práticas sociais de leitura e através da tela, ou seja, conjecturando o âmbito de uma cultura da tela (Soares, 2002), ou cibercultura.

O espaço da leitura não mais se restringe apenas ao papel. A tela do computador passa a ser, também, um novo espaço de leitura e território de produção textual mais complexo.

Na sociedade da informação, o processo de digitalização salientado por Lévy (1999) é considerado um processo que “condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação”. Nesse contexto, o autor considera a informação virtualizada como a marca singular do ciberespaço.

O ciberespaço é, portanto, um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho nas sociedades atuais, cuja importância atravessa os planos econômico, científico e cultural. Esse novo meio aciona a construção e a dinamização de uma inteligência coletiva cuja ação está construindo uma nova (Lévy, 1999, p. 53).

No momento em que a tela do computador passa a ser, também, um novo espaço de leitura faz-se pertinente problematizar a questão desta com auxílio da tecnologia digital.

Ao considerarmos a formação de leitores, sujeitos essenciais deste contexto, buscamos compreender, a partir de estudos bibliográficos, como estes relacionam as tecnologias, como territórios de leitura, formação de sentidos e produção de novos conhecimentos, acadêmicos e pessoais.

---

<sup>14</sup>Um *Audiobook*, audiolivro ou livro falado é uma [gravação](#) dos conteúdos de um [livro](#) lidos em voz alta. Ele se apresenta em suportes informacionais diversificados, podendo ser encontrado em [K-7](#) e [CD](#), além de outros formatos mais modernos como o [MP3](#), o [WMA](#), o [Ogg](#), entre outros, podendo ser gratuitos ou pagos. Já os gratuitos trazem uma grande variedade de obras para download, a maioria atualmente em [domínio público](#). Este tipo de livro é recomendável para pessoas com pouco tempo para ler e, portanto podem ouvir a leitura escolhida dirigindo, caminhando etc... e, especialmente, para deficientes visuais.( JESUS, 2008)



### 3.1 Relação leitura e escrita: do pergaminho ou do *volumen* ao ciberespaço

É notório que a escrita trouxe uma nova perspectiva no âmbito da comunicação, visto que, nas sociedades orais seus participantes, menestréis e narradores, por exemplo, interagem em um mesmo contexto social e espacial, ou seja, a comunicação acontecia através da linguagem, no mesmo tempo e espaço em que ambos (emissor e receptor de mensagens) se encontravam. Em culturas orais, frente à impossibilidade de se registrar o conhecimento adquirido através da escrita, Ong (1998) postula que:

Numa cultura oral primária, para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliterações e assonâncias, em expressões epítéticas ou outras expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados (...), em provérbios que são constantemente ouvidos por todos, de forma a vir prontamente ao espírito, e que são eles próprios modelados para a retenção e a rápida recordação – ou em outra forma mnemônica. (ONG, 1998, p.45)

Contudo a leitura é importante em todos os níveis educacionais e nos diferentes estágios da existência humana. Ela se constitui em uma importante forma de interação entre pessoas de qualquer área do conhecimento e deve constituir-se em uma atividade fundamental a qualquer área do conhecimento.

O ciberespaço se constitui em uma tecnologia ancorada em textos escritos, dessa forma, todo o processo de navegação é permeado pela leitura. Todos os sujeitos envolvidos nesse processo de leitura no ciberespaço, sem exceção, independente de seus objetivos, ler obtendo sentidos demandam uma certa práxis de leitura.

Na Antiguidade Clássica – período referente à civilização grega e a romana – historiadores e arqueólogos relatam a existência de diferentes materialidades que serviram de suporte para os textos, dentre eles: as tabuinhas feitas de argila ou madeira, o livro-rolô e o códice. Contudo, apesar da distinção, o principal deles foi o livro na forma de rolo, também denominado de *volumen*.

Assim, um novo ritmo foi estabelecido aos processos de leitura e, ao leitor com o surgimento da prensa Gutenbergiana e a conseqüente sofisticação dos

meios de reprodução da informação. Já tínhamos aqui uma nova tecnologia para a leitura, sendo que o primeiro suporte eram as tabuinhas feitas de argila ou madeira, o segundo o livro-rolo seguido pelo códice. É perceptível que a multiplicidade de leituras é uma questão inseparável da informação registrada, conforme postula Chartier (1998):

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1998, p. 77).

Com o aparecimento dos códices (ou *códex*, da palavra em latim que significa "livro", "bloco de madeira") estabeleceu-se uma nova relação dos sujeitos com o texto, ao ser possível realizar atividades simultâneas ao ato de ler, este novo mecanismo de leitura possibilitou, por exemplo, a prática de leitura e escrita concomitantemente, ou, ainda, retornar exatamente a um determinado trecho do texto.

O surgimento do pergaminho em lugar do papiro para a elaboração de livros originou a transformação do rolo (ou *volumen*) em códice conjunto de folhas superpostas e costuradas ou presas de um lado, como a atual forma do livro. (ESCOLAR, 1977, P. 14).

O rolo de papiro ou pergaminho requiritava a escrita e a leitura diretas, não possibilitando retomadas, por outro lado, o códice possibilita situar-se facilmente ao longo dos textos, sendo possíveis as releituras. A argila úmida levou ao sistema cuneiforme de escrita, pois a extremidade da cunha do cálamo se adequava corretamente a essa superfície. Porém, a argila e a pedra tornavam árduo o processo da escrita de textos longos, com o advento da página e do códice tal processo tornou-se viável.

Acerca da viabilidade técnica provinda do advento do *códex*, Santaella (2001) postula que o mesmo viabilizou ao leitor uma postura mais reflexiva, imbricada na possibilidade de administrar seu ato de ler e, por estarem as informações facilmente disponíveis, estabeleceu-se, assim, uma posição que exprime maior contemplação.

Referente à leitura, Koch e Elias (2012) consideram que além do conhecimento linguístico compartilhado pelos interlocutores, esta exige que o leitor, no ato da leitura, mobilize estratégias de ordem linguística e de ordem cognitivo-

discursivas, portanto, que realize uma práxis de leitura. Práxis aqui entendida, conforme Vazquez (1988) como uma atividade livre, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria e também transforma e conforma o seu mundo humano e histórico e a si mesmo.

Deleuze e Guattari (2011 p. 19) postulam que em um livro há “multiplicidades, linhas, estratos e segmentaridades,” e também “linhas de fuga e intensidades”. Salientam, ainda, que o livro tanto se trata de “uma espécie de organismo”, como pode ser visto como um “corpo<sup>15</sup> sem órgãos”.

Os estudiosos demonstram estar de acordo a respeito do fato de o espaço da escrita influenciar as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto e, ainda, entre leitor e texto. Há concordância também com relação ao fato de a escrita influenciar as práticas de leitura e escrita e a adoção de diferentes métodos para a sua realização. Assim, a temática da pesquisa do presente projeto, ao tratar da leitura no ciberespaço, mostra-se relevante ao buscar responder qual seria o sentido desse novo processo de leitura e escrita e a leitura em ambiente hipertextual demanda a formação de um novo tipo de leitor?

É notório que as transformações socioculturais e tecnológicas interferem diretamente no comportamento dos indivíduos, leitores e produtores textuais, cabe delinear caminhos para que tais atores do ciberespaço e da cibercultura possam direcionar sua própria sensibilização com relação às suas escolhas acerca da leitura.

Barthes (1984) postula que a escrita real deu ao homem valores visuais lineares e uma consciência fragmentada, desse modo, fragmentou-se o espaço de convivência com os indivíduos posicionados em um tempo linear e um espaço linear, real, de dimensão finita. Em conformidade com este estudioso, McLUHAN (1972), afirma que o homem relacionado à cultura escrita aperfeiçoou seus olhos tendo em vista o padrão, a uniformidade, o fragmento, assemelhando-se a uma máquina. Para este autor: “os meios, como extensões de nossos sentidos, estabelecem novos

---

<sup>15</sup>Na concepção de Deleuze e Guattari (1997), o corpo sem órgãos “é não desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto - OCSO - mas já se está sobre ele - arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante e nômade da estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos” (DELEUZE E GUATTARI, p.9, 1997).

índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si” (MCLUHAN,1969, p.72). Assim o homem traz arraigado ao seu ser a experiência da cultura escrita, em um espaço híbrido no qual ele, ser também híbrido, pode conviver novamente com padrões mais elevados de sensibilidade.

Nesse sentido, as novas tecnologias de informação e comunicação exercem transformações cognitivas, sociais e culturais nos indivíduos pertencentes à sociedade atual e vêm configurando novas modalidades de práticas sociais de leitura e escrita e de formação de sentidos.

Diante de um ambiente com alcance global que, em função de sua virtualidade, vai além de antigos territórios, as discussões acerca da proliferação do conhecimento se intensificam. Fomentando, dessa maneira, a interação entre indivíduos das mais diversificadas regiões e culturas, emergindo, assim, uma atmosfera propícia à comunicação e popularização do conhecimento.

[...] um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores: graças à rede eletrônica, esta difusão é imediata. Daí, o abalo na separação entre tarefas e profissões que, no século XIX, depois da revolução industrial da imprensa, a cultura escrita provocou: os papéis do autor, do editor, do tipógrafo, do distribuidor, do livreiro, estavam claramente separados. Com as redes eletrônicas, todas estas operações podem ser acumuladas e tornadas quase contemporâneas umas das outras (CHARTIER, 1998, p.16 - 17).

Para Lévy (1998, p. 10) “a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como modos fundamentais de gestão social do conhecimento não se dá por simples substituição, mas antes por exemplificação e deslocamento de centros de gravidade.” Assim, Lévy define espaço cibernético como um território no qual está atuando a humanidade na atualidade. O ciberespaço é um novo espaço de interação humana de considerável relevância, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância irá ampliar-se, ainda mais, em diversas instâncias como, por exemplo, na Educação.

A conexão concomitante de diferentes e inúmeros indivíduos a uma mesma rede introduz uma relação totalmente nova ao que diz respeito aos conceitos de espaço, linearidade e temporalidade. Na atualidade, nos encontramos em um ritmo veloz, conforme Lévy (1993), isto é, não há ponto limítrofe, um "fim" ao término da linha. Conforme Ramal (2009):

Vivemos uma fragmentação do tempo, numa série de presentes ininterruptos, que não se sobrepõem uns aos outros, como páginas de um livro, mas existem simultaneamente, em tempo real, com intensidades múltiplas que variam de acordo com o momento. Enquanto na era da escrita o mote é "construir o futuro", hoje vale o que ocorre neste. Trata-se de um ciberespaço, interativo e receptivo a todas as vozes. (RAMAL, 2009,s/p).

O ciberespaço costuma ser interativo e receptivo, inúmeras são as vozes conectadas que desejam contribuir com sua escrita buscando pertencer a esse território hipertextual produzido pela inteligência coletiva. A escrita na tela fez surgir o hipertexto, multilinear, labiríntico e sem ordem predefinida de leitura. Ou seja, novos suportes modificam as práticas de leitura e escrita de uma sociedade.

O termo "cosmopédia" foi cunhado por Pierre Lévy e Michel Authier em 1992 e designa um novo modo de organização dos saberes, um espaço multidimensional ilimitado, centralizador do debate e da elaboração intelectual coletiva. Assim, a cosmopédia é uma espécie de espaço relativista submetido à consulta e à inscrição. A inscrição realiza cortes, costuras, enxertos, operações descontínuas em geral, já a consulta corresponde a uma massagem, ou seja, inflexões, operações contínuas. Na cosmopédia Lévi postula que, toda leitura é uma escrita. As questões, as interrogações sem repostas tencionam o espaço cosmopédico, assinala Lévy (1999).

Soares (2002) salienta que há distinções fundamentais entre a tecnologia de escrita e leitura tipográfica e a digital. Primeiramente, a cibercultura gera um novo espaço de escrita: a tela do computador. Esse espaço da escrita – que pode ser compreendido como campo físico e visual – não efetua mudanças apenas na localização espacial da informação no texto, mas ele possui intrínsecas ligações com as práticas de leitura e escrita, bem como com o sistema, os gêneros e os usos da escrita. Para Eco<sup>16</sup> “na Idade Média, a comunicação visual era, para as massas, mais importante que a escrita.”

A primeira concepção de hipertexto ocorreu em 1945 e foi denominada *Memex* por Vannevar Bush. No início dos anos sessenta surge o *Xanadu* criação de Theodore Nelson que “inventou ao termo hipertexto para exprimir a ideia de

---

<sup>16</sup>ECO, Umberto. *Da Internet a Gutenberg*. Trad. João Bosco da Mota Alves. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acessado em 13 de Julho de 2013.

escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (LEVY, 1998, p. 29). Assim, em Lévy (1998), temos que o hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita; em Koch (2003), que todo texto é um hipertexto; e, em Marcuschi (2009), que o hipertexto é uma nova forma de textualidade. Assim, é possível considerar o hipertexto como uma nova maneira de escrever e ler que:

(...) abre caminhos para uma escritura-leitura não linear em que, à maneira das histórias de As 1001 Noites, na verdade infinitas, cada palavra pode ser o elo para um novo texto ou imagem, para uma nova história sobre o mesmo assunto, sob outro enfoque.(DIAS, 2009).

O hipertexto caracteriza-se em uma nova forma de escrita e de comunicação da sociedade contemporânea é, ainda, um tipo de metáfora que pode nos remeter para as outras dimensões da realidade. A partir dessa perspectiva nos interessa estudá-lo, considerando *um movimento geral de virtualização* (LÉVY, 1997, p.11). De acordo com Pierre Lévy:

a virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. (LÉVY,1997, p. 20)

Com relação à narrativa Lévy afirma:

[...]. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico). A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos [...]. Os operadores mais desterritorializados, mais desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força, e até com mais violência. (1997, p. 20-21)

Acerca da estruturação do hipertexto Lévy postula que o leitor da era tecnológica participa da edição do texto que ele lê, determinando sua organização final, ao abordar a questão do leitor-autor que assim para Lévy (2009,p.35-36) se torna através de “acrescentar ou modificar (textos, imagens etc.), conectar um hiperdocumento a outro e fazer assim de dois hipertextos separados um único documento, ou traçar ligações hipertextuais entre uma série de documentos”.

Desse modelo, ainda conforme Lévy, temos uma troca de papéis entre a escrita e a leitura, pois todo aquele que participa da estruturação do hipertexto é um leitor e, a partir do hipertexto, toda leitura se torna um ato de escrita: “leitor exerce também autoria, posto que ele pode editar o texto deslocando blocos, acrescentando informações, retirando partes, etc.” (CHARTIER, p. 2008; LÉVY, p. 1996).

Pierre Lévy explana que:

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização (LÉVY, 1997, p.11).

Neste sentido de virtualização da vida dos indivíduos é indiscutível a grande influência do ambiente virtual em todas as esferas da sociedade, caracterizando transformações jamais percebidas anteriormente no curso histórico da humanidade.

### **3.2 Leitura, Leitores e a Construção de Sentidos**

É notório que o papel da leitura influencia no desenvolvimento da pessoa, bem como, da sociedade na qual ela se insere. Ao que concerne às pessoas é necessário que sejam trabalhadas suas competências e habilidades em leitura dos vários tipos uma vez que isto tem implicações para sua vida particular e, também, para o desenvolvimento profissional.

Embora estejamos no século da informação com muita ênfase na imagem, é inegável a importância e a necessidade da leitura, pois desempenha funções informativa e recreativa, ao transmitir a História e a Cultura da humanidade.

O indivíduo sendo alfabetizado não é o suficiente para que a leitura seja um ato crítico que compreenda constatação, reflexão e transformação de significados, é preciso ler verdadeiramente. O ato de leitura não trata-se simplesmente de uma decodificação de signos, uma atividade mecânica que determina uma postura passiva diante do texto. Compreender o que foi lido, dialogar com o que se lê, ou seja, há que se fazer reflexões sobre aquilo que se lê para que a leitura não se torne algo mecânico e sem a participação ativa do leitor.

No presente capítulo abordaremos o processo da leitura, a constituição do leitor e a subsequente construção de sentidos que a leitura pode suscitar. Para aprofundarmos esta temática, nos utilizaremos de postulados interdisciplinares de autores como Dante Moreira Leite (2002), Lev Vygotsky (1992), Howard Gardner (1987), Regina Ziberman e Ezequiel Theodoro da Silva (1989), Roger Chartier (1998) e Marshall McLuhan (1969). As abordagens desses autores são de diferentes matizes epistemológicas, contudo, devido a complexidade da problemática de estudo, a interdisciplinaridade é inevitável.

Primeiramente, trabalharemos acerca dos postulados de Lev Vygotsky, sob uma perspectiva dialética e histórico cultural. Vygotsky, pensador russo nascido em 1896, falecido em 1934, se interessou, sob a influência dos postulados históricos e culturais de Marx e Engels, estes pensadores do século XIX, que estratificaram bases fundamentais na compreensão dos meios de relação e produção na economia capitalista, pela constituição do sujeito em um contexto sócio histórico. Assim, Vygotsky (2001) ressalta que o homem nasce social, pois desde os primeiros meses de vida ele se constitui frente a um contexto cultural. Através do desenvolvimento dos processos psicológicos superiores – atenção, memória, percepção, pensamento, linguagem – o sujeito paulatinamente apropria-se da cultura e forma uma consciência a partir desta. Dessa maneira, as obras de arte, as letras, as palavras, os algarismos são símbolos, significantes que possuem um significado e sentido constituídos pela subjetividade, mas também pela objetividade histórica e cultural do mundo. Esta relação é dialética e mediada pelos já citados processos psicológicos superiores.

Segundo Vygotsky (1992) a palavra sem significado histórico cultural é apenas um ruído sonoro. Para a consolidação deste processo é fundamental a interlocução entre pensamento e linguagem, conforme o autor.



Para Oliveira (1993) que analisa a obra de Vygotsky, o pensamento e a linguagem, inicialmente dissociados, tornam-se indissociáveis pela necessidade de comunicação e interação social do homem. A socialização na família, grupos, escolas, trabalho, uma ação coletiva, que não só transforma a natureza mas também transforma o homem.

A linguagem verbal é a expressão de vocábulos, signos culturais, porém o sujeito também articula mentalmente estes signos (Oliveira, 1993). O processo da leitura pode realizar uma ponte entre o pensamento e a linguagem, pois na leitura ocorre um processo de decodificação dos signos, que podem ser tanto vocábulos, números ou imagens, o sujeito foi constituído sua consciência por meio do pensamento, construindo um sentido histórico e cultural e, ainda, aprimorando a linguagem, que em seus diferentes modos (verbal, escrito, facial, gestual) é intercâmbio social. Eis o homem social desde o nascimento (Oliveira, 1993).

Vygotsky (2001) ressalta que a arte é o social em nós, pois ela é uma articulação entre a consciência cultural e histórica e a consciência cultural e histórica e a consciência subjetiva de cada sujeito. Esta subjetividade demanda sentidos, a leitura, portanto, constitui-se em um processo social (uma obra de arte, um poema, um romance, ou mesmo uma pintura ou um filme) ele é lido, codificado pelos sujeitos sociais que se apropriam da produção artística e intelectual de outros sujeitos. A leitura, como a arte, é coletiva, na perspectiva sócio histórica, mas é capaz de produzir sentidos subjetivos, pois um objeto cultural é passível de diferentes leituras.

Veamos a seguir um exemplo do poema em prosa do livro *Exodus* (1984), do poeta polonês e da contracultura Pawel Tatarewicz (1974, p. 39), Parlando:

Nos últimos dias de novembro de 1976 chegou ao fim de sua rota, e depois de oito anos de peregrinação, não ficou perto de mim nenhum dos que, em 1968, também trilharam o caminho espinhoso da consistência e obstáculos enormes que provocaram a minha visão e experiência de mundo tão grotesco e triste, infeliz e heroicamente corajosa, apesar do medo. Eu olhei para o buraco vazio escancarado diante de mim pela porta aberta e algo se estendeu nos meus olhos para preencher este vazio – um silêncio cruel. (TATAREWICZ, 1974, p. 39).

O poema supracitado, para exemplificar, pode provocar diferentes leituras: desde um diário confessional de um jovem e como ressaltam Holanda e Pereira

(1992) a poesia dos anos 1970, muito influenciada, igualmente, pela contracultura, enfatiza, ainda, a experiência pessoal, o Eu. Este poema pode transmitir a solidão, a incomunicabilidade e a desesperança que a geração de poetas na década de 1970 vivenciou em diferentes contextos, muitas vezes opressores, seja nas ditaduras latino americanas, ou seja, nas ditaduras comunistas da URSS e Europa Oriental (a Polônia pertence a este bloco), além da própria desilusão e desmistificação das utopias contraculturais da década de 60. Eis como um poema, exemplo de uma linguagem, pertencente a um gênero discursivo, como atesta Bakhtin (2003) pode provocar, ao menos, duas leituras, dois sentidos no leitor – receptor.

Zilberman e Silva (1989) ressaltam que a leitura propicia a alteridade, ou seja, uma relação entre o leitor e outro(s), entre o distinto. No caso da leitura entre leitor e autor estabelece-se esta relação de alteridade. Estes autores enfatizam, ainda, que a leitura promove socialização de experiências e que a escola, o ensino da literatura, deve priorizar a formação do leitor, em seus enfoques didáticos e pedagógicos, pois a falta da leitura empobrece a experiência social e também subjetiva do sujeito.

A imaginação, a fantasia, processos relacionados ao pensamento, também são estimulados pela leitura. Zilberman & Silva (1989) e também Gardner (1987) reforçam que a imaginação e, por conseguinte, a criatividade são alavancadas pelo ato de ler. Gardner propõe que a imaginação está presente em todas as fases da vida.

E, também, por uma outra leitura concernente ao desenvolvimento cognitivo do indivíduo. A imaginação advém dos jogos, das brincadeiras, dos desenhos (advém e também se expressa nestes), mas, sobretudo, se origina da leitura. Segundo Gardner, o ambiente em que a criança se desenvolve é fundamental, quanto mais rico for o contexto em jogos, leituras e o exercício da oralidade com o incentivo dos pais, ou seja, contar histórias, estimular a narrativa oral, maior será a tendência em a criança desenvolver melhor e cultivar a imaginação (Gardner, 1987).

Leite (2002), assim como Gardner (1987), Zilberman & Silva (1989) postulam que a leitura não se deve exclusivamente aos livros, à palavra impressa, outras mídias podem ser lidas: histórias em quadrinhos (*comics*), desenhos animados e outros programas televisivos, filmes no cinema e na televisão e, ainda, leitura/jogos educativos adequados à cada idade no computador ou na internet.

Por estes motivos, o sujeito possui uma leitura de mundo, mesmo ainda não sendo alfabetizado, pois é um processo que se constrói em diferentes espaços e,

em todos estes espaços, há uma construção cognitiva, como maior desenvolvimento dos pensamentos criativo e reflexivo, por exemplo, conforme Leite (2002). Além disso, ocorre também a construção subjetiva de sentidos e significados.

Chartier (1998) complementa que o ciberespaço, o conteúdo postado na rede, a tela do computador é mais um espaço de leitura e, portanto, de construção de sentidos e significados. O autor constrói uma análise histórica do livro, desde o pergaminho e o códex, passando pela imprensa de Gutemberg, pelo formato tradicional do livro até a tela do computador.

Macluhan (1969), de forma pioneira, postula que os meios de comunicação de massa e novas mídias, além de alterarem a percepção do sujeito, proporcionam a partir desta alteração uma nova construção de sentidos. Esta nova construção de sentidos está evidentemente, relacionada à leitura. Portanto, as novas mídias constituem-se, também, em modos de leituras, além de novas formas de linguagens.

Chartier (1998) ressalta que além do leitor, o autor também se modifica em contato com as novas mídias, pois há um maior espaço e instrumentalização no processo de criação devido ao maior número de tecnologias. Para Chartier (1998) o livro impresso pode conviver com diferentes mídias, contudo, o leitor constitui-se, pois ao ler na tela, além da palavra, ele é receptor de imagem, sons, interage com hipertextos, além da possibilidade de interatividade e de alteridade.

Na atualidade, as inovações tecnológicas, a expansão de potências globais da mídia, o surgimento de novos tipos de mídia e um ilimitado bombardeamento de anúncios a crianças têm contribuído, atualmente, para a formação de um ambiente em que a juventude está crescendo em um mundo mediado, muito diferente do de qualquer geração anterior. Os avanços tecnológicos criaram novas possibilidades para o livre fluxo de informações, o uso de redes sociais, o ativismo político e a prática de uma leitura crítica frente ao bombardeio diário ao qual somos submetidos.

### **3.3 Leitura e escrita enquanto práticas sociais: três tipos de leitores**

No livro intitulado *Navegar no Ciberespaço – O perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella (2004) conduz o leitor à percepção de como ideias basilares de nossa sociedade têm se modificado, como o livro passa a ter diferentes concepções ao longo do tempo e, ainda, traça o perfil de distintos tipos de leitores. Na sequência apresenta-se os três tipos de leitores, segundo Santaella (2004): contemplativo, movente e imersivo.

### **3.3.1 O leitor contemplativo, meditativo**

Ao longo da Idade Média, ao se estabelecer que a leitura, nas bibliotecas, ocorreria em silêncio, uma gama de transformações sucederam-se no método de entendimento de um texto, ou seja, após centenas de anos a leitura seria trasladada a um campo muito mais íntimo e pessoal, isenta da presença de um orador e de interferências externas, contando somente com os movimentos dos próprios olhos do leitor e o volver de páginas com auxilia de seus próprios dedos. Assim, é nesse interim que surge o leitor contemplativo, esse tipo de leitor é o que se omite de acontecimentos cotidianos para se focar na leitura, em uma atividade solitária, que pode ser interrompida a qualquer momento para meditação, ponderações e/ou anotações e que pode ser, posteriormente, retomada, realizada novamente por quantas vezes forem necessárias até que a compreensão seja alcançada da maneira almejada. Esse tipo de leitor busca a segregação para a melhor absorção da temática lida, ele não se preocupa com tempo que está a ler e não tem urgência em finalizar o material que está lendo. Do mesmo modo que poderia “ler” obras de arte, quadros ou esculturas, em uma galeria ou admirar e perceber a arquitetura que o circunda.

### **3.3.2 O leitor movente, fragmentado**

O leitor que emerge no período pós Revolução Industrial, é o sujeito que vislumbrou sonhos de uma humanidade confraternizada através de locomotivas que transportavam esperanças em forma de produtos produzidos em larga escala e que, neste cenário, passa a cumprir horários definidos nas fábricas. Tais fatos agregam-se à luz elétrica, ao telégrafo, ao avanço do cinema e, posteriormente ao surgimento da publicidade, ou seja, à completude do que abarcaria as pessoas de informações, é nesse cenário que surge o segundo tipo de leitor:

“aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. Misturada que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro (SANTAELLA, 2004, P. 29)”.

Os espaços públicos repletos de imagens e textos que acendiam e apagavam nos luminosos de organizações comerciais de variadas categorias, além de cartazes de propaganda, rótulos de produtos, fachadas, automóveis, placas de sinalização. Profissionais como Médicos, veterinários e advogados viraram produtos de consumo também. Assim, centros comerciais e ruas tornaram-se imensas vitrines com informações diversas, que são lidas de modo rápido e sem aprofundamento. Imagens e textos seduzem e auxiliam no surgimento do desejo por produtos ou na venda destes. Todos - leitores moventes - lendo tudo o que os cerca, de modo apressado, e com pouca abstração, isto é, com a velocidade que a vida pós Revolução Industrial impôs a todos, este é o leitor interposto entre o contemplativo e o imersivo.

### **3.3.3 O leitor imersivo, virtual**

Diante de todos os dispositivos digitais e possibilidades comunicacionais disponíveis nos dias atuais, é simples supor como se caracteriza o tipo de leitor imersivo. Não há livro em forma de rolo como na Antiguidade e, desse modo, não há artigos nos quais se possa tropeçar, como diversos elementos que podem ser lidos e notados, como na letra da música “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso (1968) que consta como epígrafe neste trabalho, ou seja não há lineariedade para o ato de ler, o leitor imersivo está disposto para receber e ler informações novas a qualquer momento, delinea seu próprio trajeto em percursos não lineares, multisequencial ou multilineares. Este tipo de leitor é capaz de transitar por diferentes dimensões labirínticas de conteúdos que as liga, muitas vezes criadas com auxílio dele mesmo, através de nós entre palavras, imagens, vídeos, músicas, etc.

Conforme Chartier (1998) postula, o computador renova a operacionalidade do texto e nesse sentido é um dispositivo revolucionário:

O fluxo seqüencial do texto na tela [do computador], a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 13)

Desse modo, é possível ter uma leitura que não possui um final, que entrelaça os conhecimentos de uns textos com outros, os equipara e concebe um terceiro ou uma quarta matéria.

### **3.4 Formação Docente e Leitura**

A formação do docente está intimamente vinculada à formação do leitor. Zilberman e Silva (1989) consideram que a escola, por meio do ensino de literatura, especialmente, deve enfatizar a formação do leitor. O leitor amplia os seus horizontes cognitivos, desenvolvendo processos como a imaginação e, conseqüentemente, o pensamento criativo. A leitura também possibilita o estímulo do pensamento reflexivo. Pela imaginação e reflexão é possível o processo de aprendizagem (GARDNER, 1987). Em todo este contexto, o papel do professor é o de mediador.

O leitor é um ser criativo e, criação, remete à ação, não à estagnação. Como aponta Coelho (2013) o docente, cujo principal instrumento pedagógico é a didática, nos dias atuais deve atuar como um mediador ativo na criação do conhecimento e não somente em sua reprodução. Assim, o processo de leitura como nos recorda Howard Gardner (1987) alavanca a imaginação criativa; portanto o aluno-leitor em sua relação com o professor-mediador deve criar e não reproduzir. A linguagem é expressão, criação, a escrita é expressão e a digitação também é expressão sendo que ambas podem ser criações. O escritor pode se utilizar de tecnologias como a caneta esferográfica, a máquina de escrever e nos dias atuais, o computador. O mesmo processo pode ser utilizado pelo aluno, ao criar, se expressar, por exemplo, uma monografia. E desta forma, Ausubel (1968) postula que a aprendizagem significativa, se ancora na capacidade de conhecimento e de criação do aluno, enquanto que a aprendizagem meramente mecânica é a reprodução.

Barbero (1997) aponta o fato de as TCIs viabilizam a emergência de novas fontes de conhecimento que ultrapassam os muros da escola, assim o autor ressalta a primordialidade de se reorganizar as metodologias de ensino dos docentes deslocando-se da prática de ensino unidirecional para a bidirecionalidade na relação professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. O autor salienta, ainda, a função estratégica da interatividade no processo da construção do conhecimento no qual o docente deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e para tornar-se fomentador de reflexões críticas.

Coelho (2013) ressalta que as teorias didáticas dos dias atuais enfatizam a construção de novos conhecimentos. Nesta perspectiva, a postura estética criativa do aluno e também do professor é fundamental. A leitura permite uma postura estética de criação e também de navegação, como postula Chartier (1998), pois, como já foi explanado no presente trabalho, a leitura amplia os horizontes cognitivos. Esta postura de navegador e criador, o leitor aluno e o leitor professor devem adotar não somente no livro, mas também no ciberespaço. Pontes (2000) considera que o ciberespaço é um espaço de interação, que pertence ao cotidiano dos dias atuais. Este cotidiano também perpassa pela educação e, por conseguinte, na relação aluno-professor.

Aguiar e Almeida (2011) também salientam que as mudanças tecnológicas, culturais e sociais afetam o trabalho docente, o ensino e a aprendizagem. Em muitas situações, frente ao descompasso destas mudanças com o ambiente educacional, as autoras apontam o mal-estar nos docentes, que impele ao sofrimento psíquico e prejudica a criação. Por estas questões, ao trabalharmos formação docente, devemos considerar diversos fatores que perpassam o social, o cultural, o psíquico e também o econômico.

#### **4 BLOGS: ESPAÇOS PARA A LEITURA E A ESCRITA NO CIBERESPAÇO**

O papel fundamental da internet tem se definido em prol de práticas sociais contínuas e crescentemente dinâmicas. Este fato provém da junção das numerosas redes de computadores conectadas e disseminadas por todo o globo terrestre, capazes de manter informações e disponibilizá-las simultaneamente. Além disso, a interlocução entre usuários posicionados em qualquer localidade do mundo é possível.

Atualmente, a *World Wide Web (web)* é a rede com maior popularidade, na qual documentos com roupagens e configurações diferentes compartilham o mesmo suporte digital que pode ser facilmente acessado. A rede mundial de computadores fomenta uma importante discussão acerca de muitos conceitos que pareciam estáveis, como, por exemplo, as noções de tempo e espaço, de oralidade e escrita e de texto e hipertexto. Igualmente, ela vem causando uma verdadeira revolução global através de dissolução de fronteiras geográficas e temporais, ao propiciar o tráfego de informações das mais variadas categorias, promovendo o intercâmbio econômico e sociocultural entre usuários.

Concentrados no ciberespaço, os blogs podem ser compreendidos como um rizoma, pois agregam forças diversas e seus engajamentos são múltiplos. Segundo Blood (2000) a expressão “weblog” foi primeiramente empregada por Jorn Barger, em 1997, a fim de aludir a um aglomerado de sites que “coleccionavam” e difundiam links interessantes na web. Naquela ocasião, os weblogs eram raros e muito similares a um site comum na web. Ao conjecturarmos acerca de blogs, considerando um ponto de vista histórico, é notável que seu surgimento deu-se concomitantemente à criação do *Blogger*, cujo domínio é *blogspot.com*, em agosto de 1999, por Evan Williams. Este domínio se tornou, posteriormente, o maior *site* a



abrigar *blogs* em âmbito mundial. A partir de então, essa ferramenta ganhou visibilidade no universo virtual e agrega cada vez mais usuários.

Em 2007 o indexador de blogs denominado Technorati<sup>17</sup>, divulgou que, naquela ocasião, o número de *blogs* operantes no mundo estava próximo da marca de um bilhão.

De acordo com Rick Klaus (2009) diretor executivo do *Blogger.com*, o Brasil, em um ranking mundial, encontra-se em segundo lugar em número de *blogs* enquanto que os Estados Unidos estão em primeiro lugar.

A partir do prisma relativo à aplicação, os *blogs* caracterizam-se em instrumentos que possibilitam a criação de páginas pessoais ou coletivas para que sejam disponibilizadas na internet, porém estas dispensam o conhecimento especializado para seu uso, pois são de manuseio fácil e **intuitivo**. Com facilidade de edição, atualização e manutenção, o blog teve, e continua tendo, fácil difusão entre os usuários da rede.

Vale ressaltar que *blog* e *homepage* não se constituem em sinônimos. Os *blogs* possuem, geralmente, uma estrutura relativamente similar em toda a *web*, ambos possuem funções específicas e configurações peculiares para as funções que exercem. Para Komesu (2005):

O blog pode ser definido, portanto, como uma página web, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não-verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um link e sua publicação na web, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar. (KOMESU, 2005, p. 99)

O usuário que deseja criar um *blog* localiza um provedor, efetua o seu cadastro e poderá, então, personalizar sua página com os modelos disponíveis no site de hospedagem, ou localizar modelos (conhecidos como *templates*) disponibilizados por outros sites ou, até mesmo, criar um modelo personalizado utilizando *softwares* adequados com auxílio de softwares que, atualmente, não requerem nenhum conhecimento em HTML ou CSS, sendo todo o processo desenvolvido a base de cliques, ou seja, de forma intuitiva.

---

<sup>17</sup> [www.technorati.com](http://www.technorati.com)

Ao que tudo indica, do surgimento do *blog* até os dias atuais, diversas transmutações foram ocorrendo e transformando progressivamente o blog, até atingir a configuração atual.

A facilidade de sua utilização e manutenção de um blog, já mencionada anteriormente, aliada ao contato entre um ambiente flexível, que permite a relação entre diversas associações, com a sua estrutura textual que se organiza em prol da interação são dois fatores relevantes que justificam o crescente interesse por *blogs*.

Conforme Ortega (2202):

Philippe Ariès aponta como, no que concerne às mudanças na vida privada, o período compreendido entre o fim da Idade Média e o século XIX representa a passagem de uma sociedade na qual o indivíduo se encontrava imerso numa rede de solidariedades coletivas, feudais e comunitárias num mundo sem distinção entre público e privado, para uma sociedade que separa público e privado e na qual a família monopoliza a esfera privada (Ortega, 2002, p.106 - 107).

Desse modo, parece-nos pertinente refletirmos sobre em que quantidade as relações de afeto e amizade, por exemplo, nos dias atuais têm se deslocado do público para o privado, no momento em que indivíduos relacionam-se com sujeitos ‘conhecidos’, dos quais conhecemos o nome em uma referencia às relações estabelecidas a partir da hospitalidade ocasional. Miller (2007) postula que condicionantes sociais como a auto exposição da intimidade de celebridades e o voyeurismo suscitado pelos “reality shows” têm estimulado um tipo de comportamento, que Komesu (2005) denomina “publicização de si” um tipo de comportamento que possibilita a proliferação de *blogs*.

Conforme Lima (2008):

parece ser a necessidade de auto-expressão o que motiva inicialmente uma pessoa a publicar um blog. Em geral, dentro do contexto da globalização, as pessoas imaginam falar para o mundo, ou ao contrário, desabafar, longe das pressões de seu contexto particular, mas certamente todas motivadas pelo alargamento exponencial da blogosfera e pela facilidade de publicação de um blog, quase sempre sem ônus algum. Tais elementos propiciam um contexto propício para essa necessidade de auto-expressão, via internet, *blog* (LIMA, 2008, p. 89).

Assim, os proprietários dos *blogs*, os procuram relacionar-se com os indivíduos de mesmos interesses e com os demais visitantes do blog de maneira cordial, construindo conexões, geralmente, a partir de traços em comum, como, por

exemplo, faixa etária e interesses. A concepção que o blogueiro<sup>18</sup> compreende acerca de seus leitores e o propósito que sua escrita detém o inscrevem em um âmbito delimitado da infindável teia de blogs. Apesar de não constituir-se em uma regra, em sua investigação, Ruiz (2005) demonstra que as formas híbridas de escrita, constituintes tanto do *blog* como de outros gêneros digitais, os traços formais da língua e os temas tratados pelos *blogs* tornam-se comunidades virtuais baseadas em traços comuns partilhados pelos proprietários dos blogs.

No cenário escolar os *blogs* podem instaurar-se como espaços que corroboram para a prática pedagógica, de leitura e de escrita. Assim, por exemplo, em *blogs* voltados para a docência é possível encontrar outros *blogs* relacionados ao assunto, textos/artigos relativos à docência, etc.

---

<sup>18</sup> **Blogueiro** é um termo utilizado no Brasil para designar o indivíduo que publica em *blogues*.

## **5 CARTOGRAFANDO**

### **5.1 Reflexões fundamentais acerca das concepções de texto e de discurso**

Pode-se afirmar que os estudos referentes à linguagem devem a Saussure (1999) grande parte de seus postulados, quer tomando as reflexões deste teórico como ponto de partida, quer rejeitando-as. Requer especial atenção a concepção dicotômica elaborada por Saussure, entre língua e fala, porém, deve-se também destinar um enfoque sobre as limitações propiciadas pela exclusão da fala do campo dos estudos linguísticos. Dentre os teóricos que observaram tais limitações provocadas pela separação entre língua e fala, destaca-se Mikhail Bakhtin (2003) que, a partir de seus estudos, oferece as bases para a construção dos postulados teóricos da linguística moderna. Este teórico percebia o empecilho provocado pela idealização dos fenômenos linguísticos, se estes fossem observados enquanto acontecimentos sincrônicos e homogêneos.

Importante contribuição de Bakhtin refere-se à ideia de que a língua é um fato social, cuja existência fundamenta-se nas necessidades de comunicação. Suas teorias afastam-se das saussurianas, uma vez que valoriza também os atos da fala e entende a língua como algo concreto.

Este trabalho traz implicações que extrapolam o olhar focado exclusivamente no texto, para aprimorar um olhar de contexto e, neste sentido, inicia-se a reflexão teórica com Bakhtin, porque sua teoria aponta para o mundo a partir de ruídos, vozes, sentidos e sentires, sons e linguagens que se miscigenam, que se constroem e se reconstroem, modificam-se e transformam-se. Do seio deste grande movimento é que se enfatiza a dialogicidade da linguagem que ultrapassa a mera descrição linguística dos eventos comunicativos para buscar os elementos extralinguísticos

que, direta ou indiretamente, estabelecem *links* com a interação nos planos social, econômico, histórico e ideológico.

Com esta escolha, deixa-se claro que fica de lado a noção de simples codificação e decodificação que dá margem a uma percepção de língua como sendo um código fechado. Entende-se que a linguagem, por ser dialógica e polissêmica, está preñe de marcas culturais, sociais e históricas, que são fundamentais para a compreensão das questões humanas. Neste sentido, Bakhtin estabelece um grande divisor de águas ao construir sua teoria sobre a língua, afirmando que o contexto histórico é parte integrante e constitutiva da linguagem, pondo em cheque as concepções estruturalistas que fazem da palavra apenas um sistema abstrato de formas, no qual o falante não tem poder de intervenção. Para Bakhtin, o contexto histórico transforma a palavra fria do dicionário em fios dialógicos vivos, que refletem e refratam a realidade que a produziu.

Pode-se notar que o processo de interação verbal passa a constituir, de acordo com Bakhtin, uma realidade vital para a língua, uma vez que não é apenas o locutor que merece observação, e o interlocutor não exerce papel passivo na constituição de um dado enunciado. Justamente por isso, passa a haver a concepção da existência de uma relação intrínseca ao ato da enunciação, entre os atos linguísticos e os sociais. O indivíduo produtor de um dado enunciado é orientado socialmente, no sentido de adaptar-se ao contexto imediato do ato da enunciação, sobremaneira aos seus interlocutores concretos.

Para Bakhtin, a palavra é o *signo ideológico por excelência* (2003, p.31) uma vez que ela é produto da interação social e caracteriza-se por diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista dos indivíduos que a utilizam. Em sua natureza dialógica, a palavra se transforma em um palco em que há uma luta de vozes que, em suas posições, desejam ser ouvidas por outras vozes.

Essas breves considerações a respeito dos postulados bakhtinianos apontam para um outro conceito: o da linguagem enquanto discurso. A constatação da existência de uma dualidade constitutiva da linguagem, ou seja, do seu caráter ao mesmo tempo formal e perpassado por influências subjetivas e sociais, ocasiona uma modificação nos estudos linguísticos até então norteados pela problemática contida na oposição entre língua e fala. Muitos teóricos passam a buscar uma compreensão dos fenômenos linguísticos não mais centrados unicamente na língua; busca-se a compreensão de um nível situado fora do pólo da dicotomia saussuriana.

Este nível da linguagem é justamente o que se chama de discurso. Compreendê-lo implica também que se compreenda a articulação entre o nível linguístico e o extralinguístico. Pode-se entender o discurso, dessa forma, como o ponto de articulação entre os processos ideológicos e os fenômenos linguísticos.

Neste sentido, a linguagem enquanto discurso não possui em seu quadro de valores apenas a concepção de um conjunto de signos que sirva como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. Mais do que isso, ela possui uma intencionalidade que a deixa longe da neutralidade; a linguagem enquanto discurso é a interação e a demonstração de uma produção social; ela é uma representação ideológica, dinâmica. Ou ainda, conforme Brandão (1996), em sua obra *Introdução à Análise do Discurso*: “A linguagem é o lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais” (BRANDÃO, 1996, p. 12).

Ainda segundo a autora, as reflexões sobre a linguagem não podem estar desvinculadas da análise das condições de produção desse discurso. É justamente esse o enfoque a ser assumido pela tendência de estudos linguísticos que surge na década de 60: a Análise do Discurso.

Os primeiros a abrirem espaço para o ingresso, no âmbito dos estudos linguísticos, daquilo que mais tarde se chamaria de *discurso*, foram justamente os formalistas russos. Eles superaram a dimensão filológica que até então dominava os estudos da linguagem. Seus sucessores foram os estruturalistas, os quais se propunham a estudar a estrutura do texto, nele mesmo e por ele mesmo. Diante dessas restrições, pode-se compreender porque as teorias discursivas propostas pelos formalistas não chegaram de imediato às mesmas constatações que as que tiveram os estudiosos da década de 60.

Ressalta-se que os anos 60 constituem um momento histórico, marcado por uma conjuntura notadamente filosófica e política. A AD francesa surge, justamente, no intuito de relacionar a distinção entre língua e fala, com base no estruturalismo, na linguística, no marxismo e na psicanálise. A preocupação maior dessa teoria, desde o seu surgimento, consistia na instituição do sentido, fazendo dessa preocupação o seu principal objeto de estudo.

Porém, é ainda na década de 50, que se delineiam os passos decisivos para a constituição da Análise do Discurso, enquanto disciplina. Surgem, segundo Brandão (1997), trabalhos como o de Zellig Harris, intitulado de *Discourse Analysis*,

datado de 1952; de outro lado, são produzidos estudos como os de Roman Jakobson e de Émile Benveniste sobre os atos da enunciação. Tanto um trabalho como outro apontam para uma diferença de perspectivas, de modo que, no bojo da Análise do Discurso, formam-se duas linhas de pesquisa: uma americana e outra europeia. Contudo, cabe a Michel Pêcheux (1990), a elaboração de uma teoria responsável pela consolidação da chamada *linha francesa de Análise do Discurso*.

Para Pêcheux (1997), o discurso é compreendido a partir da ótica do efeito de sentido - sentido produzido por meio da interação entre locutores. Assim, o discurso passa a ser visto não apenas como um texto, porém, como um conjunto de relações que se estabelecem antes e durante a produção desse texto e que perduram após a determinação desse mesmo texto, e que provocam outros efeitos de sentido, dependendo do contexto em que esse texto foi produzido. O texto é ainda descrito como sendo a materialidade linguística por meio da qual se chega ao discurso. Os discursos produzidos são determinados pelos discursos anteriores e também determinam os discursos que virão após ele. Na obra de Pêcheux intitulada *O discurso, estrutura ou funcionamento*, a tradutora, Eni Orlandi, escreve uma nota ao leitor da qual destaca-se a seguinte afirmação:

O que se pode depreender do percurso de Michel Pêcheux na elaboração da Análise do Discurso é que ele propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito. [...] Os princípios teóricos que ele estabelece se alojam não em regiões já categorizadas do conhecimento mas em interstícios disciplinares, nos vãos que as disciplinas deixam ver em sua articulação contraditória. (PÊCHEUX, 1997, p. 7).

Para a Análise do Discurso<sup>19</sup>, a língua caracteriza-se, enquanto veículo de comunicação, não possui um sentido único, mas sim um dominante, que se sobressai de diversos outros sentidos que esta mesma língua pode provocar, dadas as condições de produção. A língua em seu funcionamento, dadas as condições de produção do dizer e as formações discursivas que as constituem, não é influenciada. Devido às condições do dizer e as formações discursivas das quais as palavras fazem parte, elas, as palavras se modificam. Também, o sujeito se posiciona ideologicamente por meio da língua e se constitui, desta forma, enquanto sujeito.

---

<sup>19</sup> Para a AD a língua comunica e não comunica, pois ao mesmo tempo em que ela é transparente, ela é opaca. Já para Ducrot a língua comunica

De acordo com a AD, a produção de um discurso, ou seja, de uma determinada materialidade linguística, possui a potencialidade de provocar diversos efeitos de sentidos. Assim, a língua apresenta um caráter heterogêneo, não-acabado, uma vez que é constantemente influenciada, devido ao próprio caráter histórico que ela possui. Em sua heterogeneidade, a língua revela também a heterogeneidade do sujeito a ela vinculado, pois é a partir da materialidade linguística que se chega ao sujeito e é também por meio da língua que esse sujeito supre as lacunas típicas de sua constituição.

Para Eni Orlandi (2001), a Análise do Discurso necessita de determinadas *pistas*, de determinadas *marcas* para chegar a uma definição do discurso que está sendo analisado. Uma vez que é a partir da língua que se tem acesso ao discurso, os textos coletados nos blogs elencados para análise no presente trabalho funcionarão como marcas linguísticas para se chegar a uma definição de discurso e, conseqüentemente, a uma definição de sujeito. Compreende-se que será possível, a partir da materialidade linguística, presente nas postagens de professores e de alunos, delinear a leitura de um perfil de leitor, percebida por si mesma e pela sociedade à qual ele pertence.

O século XX foi, notoriamente, palco de grandes transformações. Além da revolução tecnológica vivenciada nas diversas áreas do conhecimento. No que concerne à língua é fato que o modo como o homem a conceitua na atualidade difere do modo como era conceituada em períodos históricos pregressos. A língua caracteriza-se como um instrumento fundamental na interação entre os seres humanos, enquanto veículo de comunicação, e assim, continuamente, os homens constroem a linguagem e nela também se (re)constroem vale ressaltar, que o conceito de língua não se detém apenas ao discurso relativo à fala, mas estende-se, também, ao discurso do texto escrito.

A concepção de linguagem enquanto expressão do pensamento é um cânone mantido desde a tradição gramatical grega, passando pelos latinos, pela Idade Média e pela idade Moderna.

No início do século XX, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand Saussure (2006) passamos a ter outro conceito. Saussure assinala que a expressão é produzida no interior da mente dos sujeitos, sendo que a exteriorização do pensamento, por meio da linguagem desenvolta e organizada. Nesse sentido, cabe ao sujeito a responsabilidade de organizar seu pensamento de maneira lógica



e coerente a fim de externar uma linguagem considerada a “tradução” do pensamento.

A temática da linguagem sempre permeou os assuntos da filosofia, em particular na Grécia antiga, porém adquire uma importância muito particular na filosofia contemporânea especialmente com os filósofos Gottlob Frege, Bertrand Russell e Ludwig Joseph Johann Wittgenstein que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos da linguagem.

Mikhail Bakhtin empenhou-se em investigar a natureza da linguagem e suas relações com a sociedade. Para este pensador: a “língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual do falante” (BAKHTIN, 2003, P. 124). Bakhtin “coloca a língua em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua” (BAKHTIN, 2003, P. 14), isto é, para Bakhtin a língua não se caracteriza em um sistema abstrato e tão pouco no psiquismo individual, este estudioso examina a natureza social da linguagem, a fala do indivíduo e sua posição intencional. Nesse sentido, Bakhtin colabora para com o desenvolvimento dos conceitos da linguagem e seus usos.

No que concerne ao ensino de língua portuguesa, a prática diária da leitura e a escrita, em atividades mediadas pelo professor, são fundamentais quando se considera a linguagem como forma de interação social.

## **5.2 A Teoria Polifônica de Ducrot**

Este subcapítulo apresentação da noção de teoria polifônica de Ducrot cujo sentido está em embasar as análises dos posts e comentários dos blogs que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Oswald Ducrot (1987) trata na sua teoria semântica da enunciação dos diferentes papéis assumidos pelo sujeito falante, que ele denomina de *locutor* e ou *enunciador* escrevendo assim o eu ficou conhecida como a concepção polifônica da enunciação de Ducrot.

Embora a concepção polifônica de Ducrot tenha raízes na polifonia Bakhtiniana aquela assume características peculiares, à proporção que evidencia que um mesmo enunciado não faz ouvir *uma só voz*, quer dizer em um mesmo enunciado coexistem em um contínuo diálogo de vozes que se fazem ouvir de modo implícito ou explícito. Desse modo, Bakhtin pensa a polifonia como representação

das vozes sociais, enquanto Ducrot como marcas linguísticas do “eu” que se manifestam na enunciação.

Segundo Oswald Ducrot, (1987) o termo polifonia faz referencia a uma classe de composição musical, na qual se superpõem diferentes partituras, ou seja, os textos podem veicular, muitas vezes, inúmeros posicionamentos por meio dos quais um autor dá voz a diversas outras vozes ao longo de seu texto.

O termo polifonia tornou-se bastante conhecido nos anos 20, momento no qual Bakhtin realiza estudos sobre a obra de Dostoievski e atribui a este termo valores e sentidos totalmente novos.

De acordo com Faraco *et alli*, (1988), em seus estudos, Bakhtin ressalta as relações existentes entre o autor e o personagem principal, na obra de Dostoievski, daí elaborando sua definição sobre polifonia. Nos anos 80, o grande interesse pelos aspectos pragmáticos e textuais traz a tona os estudos de Bakhtin, nesta mesma década, na França, Ducrot desenvolve sua noção linguística da polifonia, a partir da qual realiza análises de uma variedade enorme de fenômenos linguísticos, porém, não se pode afirmar que o conceito de polifonia em Ducrot se iguale ou se sobreponha ao conceito polifônico de Bakhtin.

Para Bakhtin o conceito de polifonia comprova que a totalidade de um discurso, apresenta uma natureza polifônica; porém Ducrot não associa à polifonia nenhum gênero discursivo. Ele entende esse fenômeno como algo próprio da língua, fenômeno este que coloca em cena enunciadores, com vozes que se entrecruzam.

Ducrot (1987) enuncia-se a respeito do conceito de polifonia elaborado por Bakhtin:

Para Bakhtin, há toda uma categoria de textos, e notadamente textos literários, para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente e sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras: trata-se do que ele chama, em oposição à literatura clássica ou dogmática, a literatura popular, ou ainda carnavalesca, e que às vezes ele qualifica de mascarada, entendendo por isso que o autor assume uma série de máscaras diferentes. Mas esta teoria de Bakhtin, segundo meu conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüência de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz. (DUCROT, 1987, p. 161)

Pode-se afirmar que Ducrot (1987) ao mesmo tempo em que realiza a análise, permite perceber as pistas do próprio conceito de polifonia. Ducrot apresenta suas primeiras abordagens de envolvendo o conceito de polifonia na obra

*Lês mots du discours*, datada de 1980, entretanto o conceito de polifonia vai se solidificar na obra *O dizer e o dito*, de 1987.

O conceito de polifonia de Ducrot, em termo mais amplo afirma que o autor de um enunciado jamais se expressa diretamente, mas por meio de outras vozes, resultando, pois o enunciado no conjunto das diferentes vozes que nele se entrelaçam, assim o sentido de um certo enunciado consiste na descrição de sua enunciação.

Trazemos a este palco de discussões a teoria polifônica de Ducrot para enfatizar que temos, também, como objetivo com as análises dos discursos dos Blogs atingir a elucidação da percepção do jogo de diferentes vozes que se revelam ou que podem ser inferidas em um determinado enunciado. Um dos postulados dessa teoria é o de conceber a língua, enquanto objeto teórico, que deve conter uma referência àquilo que, na teoria de Saussure, constitui o papel da fala, desse modo para Ducrot (1987) existe a presença da enunciação no enunciado.

Para o linguista francês Ducrot a função de comunicação, tida enquanto transmissão de informação restringe demais as dimensões de relações intersubjetivas, deste modo, a língua enquanto lugar de encontro de indivíduos, não pode apresentar somente a função de comunicar, no sentido restrito do termo; e sim evidenciar as relações intersubjetivas correspondem a uma noção de que há uma variedade de relações interpessoais que fazem parte do universo linguístico, para as quais a língua, em si, não fornece apenas a ocasião e o meio, mas também as regras de como isso deve acontecer, portanto, para Ducrot, conceber a língua apenas sob a ótica informativa acaba sendo um gesto reducionista e deveras injusto com a potencialidade da daquela.

Ducrot, em seus estudos dedica-se a tecer os princípios que fundamentam sua teoria sobre a noção de sentido que ela as subdividem em três: a) a primeira delas, denominada de objetiva que caracteriza a representação da realidade; b) A subjetiva que se refere ao papel do locutor frente a essa realidade e c) a terceira delas, intersubjetiva que faz referência à relação do locutor e das pessoas a quem ele se dirige.

Com a finalidade de elucidar melhor cada uma das noções expostas no parágrafo anterior trazemos de um escrito do Ducrot, "*Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*," presente na obra *O dizer e o dito* (1987) os seguintes exemplos: 1) "**o tempo está bom.**" que objetivamente pode estar indicando a

meteorologia do tempo sendo o dia ensolarado, sem chuva; 2) no sentido subjetivo, revela uma apreciação positiva do locutor em relação ao clima do dia em questão; 3) na indicação intersubjetiva, pode-se inferir que o locutor sugere ou convida o seu interlocutor para um passeio.

Em se dando um tratamento tradicional a análise do sentido, usa-se o termo conotação para indicar do sentido real das palavras, e denotação para indicar um sentido figurado, mas para Ducrot (1987), não existe um limite rígido entre o que realmente seja real ou denotativo e o que seja conotativo ou figurativo. Para o autor a linguagem não é dotada de materialidade totalmente objetiva e seus enunciados, portanto, nem sempre descrevem a realidade observada tal como se apresenta, portanto o pressuposto fundamental que permeia a teoria de Ducrot é o de que a relação entre linguagem e realidade não se refere diretamente à realidade, mas sim ao processo de *construção* entre a linguagem e essa realidade.

Valorizando a ideia de que a linguagem, ao descrever a realidade, faz uso dos aspectos subjetivos e intersubjetivos, é possível inferir que esse fenômeno mostra que a linguagem se constitui uma espécie de embate entre os indivíduos. Quando se observa de perto a expressão “*o tempo está bom*”, e se analisa as indicações subjetivas e intersubjetivas, já comentadas, pode-se verificar que o que sobressai é o valor argumentativo dessa expressão, pois o locutor ao emitir tal enunciado, tem uma finalidade argumentativa pode superar a simples ideia de informar as condições meteorológicas do tempo ao seu interlocutor – enunciando quem sabe a ideia de um possível de um passeio. Assim sobressai-se em Ducrot (1987), que o valor argumentativo de uma ou de várias palavras é a orientação estas imprimem ao discurso.

Ao tratar do *sentido*, Ducrot (1987) apresenta-nos as noções de frase e de enunciado. Para o conceito de frase ele o trata como sendo esta uma estrutura abstrata, não observável. O conceito de enunciado para Ducrot (1987) é a manifestação particular de uma frase, constituindo-se no que passa a ser o objeto de observação, quer dizer, o enunciado é o segmento de um discurso construído em um dado lugar, em um momento específico, por um determinado locutor, e, destinado a outro, ou outros interlocutores.

Nas palavras de Ducrot (1987):

O que eu chamo “frase” é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o lingüista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o lingüista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase. (DUCROT 1987, p. 164).

Ducrot (1987), associa a noção de frase e enunciado, outros dois conceitos – o da *significação* e do *sentido*. Para ele a significação refere-se aos valores da frase; o sentido diz respeito ao âmbito do enunciado, cujo responsabilidade pela diferenciação entre *significação* e *sentido* está na natureza de cada um deles.

Importante frisar que para o autor o sentido não se constrói a partir da soma de significações, sendo este, (o sentido) o resultado das significações somadas ao contexto em que elas estão inseridas, ou seja, a significação é responsável pelas instruções, e diretrizes que norteiam a interpretação dos enunciados da frase, dando-se, pois, o sentido quando obedecidas as marcas que estão indicadas a partir da significação.

Apontamos outro exemplo, parafraseado da teoria de Ducrot: “João estava na igreja, mas com Carmen, sua irmã”, nesta descrição linear, temos duas afirmações verdadeiras: a de que João estava na igreja, e a de que sua irmã também. A partir desta assertiva pode-se ainda compreender, em um nível menos linear, que ao afirmar que João estava na igreja, isso tenha revelado um contentamento por parte do locutor que sempre via Carmen e não o irmão, ou seja Carmem teria conseguido levar João a igreja. O que chama a atenção para isso é a utilização da palavra, mas. A respeito desse tipo de informação, Ducrot (1987) recomenda que para interpretar o enunciado “*João estava na igreja, mas com Carmen, sua irmã*”, deve-se buscar uma compreensão conclusiva do sentido a que o locutor visava ao produzir tal enunciado.

Ao se levar em conta a instrução dada pela significação da frase, pode-se compreender que o locutor nos oferece uma conclusão justificada, pelo fato de João estar na igreja, mas contradita pelo fato de sua irmã Carmen estar junto dele – conclusão esta que constitui o argumento mais forte desta declaração ou frase. Temos, então que tal conclusão somente foi possível porque o que se analisou foi o enunciado e não apenas a frase. A partir dessa constatação compreende-se a colocação de Ducrot (1987), conforma a qual as palavras não possuem sentido

completo antes das conclusões que se constroem a partir delas. Desde modo se assim não fosse, a língua não teria papel na argumentação e o movimento argumentativo estaria dependendo de outros fatores que seriam totalmente opostos à língua, tais como os fatores de caráter situacional ou psicológicos embora sejam fatores também importantes para a construção discursiva, entretanto, tais fatores não seriam suficientes em si mesmos uma vez que dependem da materialidade linguística para concretizarmos discurso e a sua argumentação.

Quando Ducrot (1987) conceitua a argumentação na linguagem, afirma que um mesmo fato, em uma dada situação comunicativa, pode ser enunciado por diferentes de frases, que não possibilitam a mesma argumentação. O teórico ainda afirma que o mesmo conteúdo dos fatos pode atender a intenções argumentativas diferentes e, ressalta ainda que o discurso é que é argumentativo e não o fato presente nesse discurso.

Recortamos da obra de Ducrot (1987) mais um exemplo para elucidar os conceitos elaborados, tratados no parágrafo anterior comparando as seguintes expressões: **Pedro estudou um pouco e Pedro estudou pouco**. O fato descrito nas expressões é o mesmo, mas forma como os enunciados foram construídos leva a diferentes argumentações. Na primeira delas, pode-se se concluir – **ele será aprovado**; já na segunda, conclui-se o oposto – **ele reprovará**. As primeiras teorias de Ducrot baseiam-se em dois aspectos bastante centrais.

Quando Ducrot (1987) trata da polifonia, parte do questionamento: existiria em cada enunciado tão somente um sujeito falante? A resposta a este questionamento é a de que o sentido de um enunciado está ligado ao do entrecruzamento de vozes, presentes no mesmo enunciado.

Ducrot (1987) em sua teoria polifônica, utiliza termos específicos tais como o sujeito empírico, o locutor e os enunciadores.

Para o autor: 1) Sujeito empírico é o ser que efetivamente produz de um dado enunciado; 2) locutor é o ser a quem se atribui a responsabilidade pela produção do enunciado; 3) enunciadores são os que constituem uma forma de subjetividade que não precisa ser exatamente a mesma que a do produtor do enunciado. Para Ducrot (1987), estes últimos não são expressos por meio de palavras precisas, porém, por meio de pontos de vista.

No que tange a composição de sua teoria polifônica, Ducrot (1987) enfatiza o papel exercido pela negação sintática ,apontando que um enunciado, construído a

partir da expressão **não**, possibilita a expressão de dois enunciadores. Enquanto que o primeiro enunciador expressa o ponto de vista afirmativo, o outro enunciador recusa esse ponto de vista.

Maingueneau e Charadeau (2004) buscam definir a contribuição da negação sintática em Ducrot, apoiando-se no seguinte exemplo: **essa parede não é branca**, em que, segundo os autores, tem-se a impressão de que dois pontos de vista (incompatíveis) coabitam. Para estes teóricos, se o emissor se utilizou da negação, é realmente porque alguém pensa, ou poderia pensar, que a parede é branca (ponto de vista 1), o que é contrário à opinião do emissor ( ponto de vista 2). Os autores observam que, enquanto o ponto de vista 1 (que contradiz o ponto de vista 2) é obrigatoriamente o ponto de vista do emissor, não é possível deduzir, apenas pelo enunciado, quem é responsável pelo primeiro ponto de vista. Para a teoria da Polifonia é importante que a existência desses dois pontos de vista seja marcada nos próprios materiais linguísticos, pela presença da negação – não.

Ducrot (1987) ao definir a negação, parte de alguns princípios da psicanálise freudiana segundo a qual um determinado enunciado é um *travestimento* para dizer, apesar das repressões do superego, um enunciado correspondente a um pensamento inconsciente e reprimido.

Ducrot (1987) apresenta três distintos gêneros de enunciados negativos: a negação descritiva corresponde ao enunciado que simplesmente veicula um conteúdo negativo, sem que o locutor apresente sua fala como oposição a um discurso contrário. A negação polêmica é aquela que se opõe a uma opinião inversa, ou seja, a que aparece simultaneamente, em um dado enunciado, representando os pontos de vista distintos de dois enunciadores. Já a negação metalinguística opõe dois locutores, contradizendo uma fala anterior, ou seja, destina-se a contradizer os próprios termos de uma fala efetivamente produzida, em que um locutor é responsabilizado pela informação subjacente.

A negação polêmica apresentada por Ducrot possui semelhanças com a teoria da denegação psicanalítica, de Freud, formulada em 1925, na qual Ducrot pauta-se entendendo que a negação é o artifício por meio do qual o indivíduo pode mascarar o que está proibido pelo superego e recalcado no inconsciente e, assim, temos que em um enunciado negativo duas vozes, são expressas: a da libido e a do superego. Aquela se expressa a partir de um ato e esta, por meio de um recalque de negação.

Inferimos então que o sentido de um enunciado dá-se pela sobreposição de diversas vozes, pertencentes a diferentes enunciadores, fato que ocorre com o fenômeno da negação, em que estes enunciadores chegam a estar em confronto.

Convém retomar um conceito inicial abordado em Ducrot (1987), segundo o qual não se pode atribuir à linguagem a função informativa como sendo seu objetivo principal e retomar igualmente que a teoria da argumentação não apresenta preocupação com o conceito de verdade, pretende demonstrar, porém, que não é possível dissociar os componentes informativos e objetivos da linguagem, de outros considerados pragmáticos.

Tecendo considerações sobre o enunciador o teórico afirma que este é a figura de enunciação que representa a pessoa de cujo ponto de vista os acontecimentos são representados, ou seja, se o *locutor* corresponde ao elemento que fala e que conta, o *enunciador* corresponde àquele que vê. Ducrot (1987) afirma ainda que o enunciador é o ser que se exprime por meio da enunciação, mas através da atribuição de palavras precisas. “Se eles falam é somente no sentido de que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas falas” (DUCROT, 1987 p.206). Assim, o elemento que fala e o elemento que vê constituem papéis não atribuíveis necessariamente a um único ser.

Muitos estudiosos da Análise do Discurso concordam que os conceitos de locutor e de enunciador elaborados por Ducrot são importantes em termos de contribuição teórico-metodológica, para o entendimento do discurso.

Dado a esse reconhecimento, trouxemos Ducrot (1987) e sua teoria no sentido de ela nos faculte analisar com propriedade o discurso presente nos *blogs* criados com fins educacionais para incentivo a leitura e escrita.

### **5.3 Cartografando o ciberespaço: Análise de blogs**

Para iniciarmos a presente discussão precisamos, primeiramente, nos remeter à Bakhtin (2003). Para este autor discurso caracteriza-se em uma arena de lutas, nem sempre harmoniosa, uma vez que, pelo discurso e no discurso estão as representações das lutas de classes. Bakhtin (2003) não trata o discurso como língua necessariamente, mas como uma manifestação ideológica e o texto no sob o



escopo da perspectiva Semiodiscursiva<sup>20</sup> (CHARAUDEAU, 2004; 2006; MAINGUENEAU, 2001; 2004), por exemplo, um filme, um texto, uma música, etc.

Este autor (2003) ressalta que o discurso tanto na forma escrita, como na oralidade possui três gêneros, que podemos traduzir como tipos: Gênero Primário e Gênero Secundário. O primeiro traduz-se em expressões cotidianas como cumprimento, a escrita de cartas, o diálogo trivial entre dois sujeitos. O segundo gênero secundário, caracteriza-se pela sua complexidade. Romances, artigos científicos, discursos políticos, sermões religiosos são exemplos, portanto, de gêneros discursivos secundários, conforme Bakhtin (2003).

Os gêneros discursivos se constituem de enunciados. Segundo Ducrot (1987), o discurso e o enunciado não se constituem em um mesmo assunto: o enunciado é um fragmento do discurso. Ducrot não aborda acerca de emissor e receptor, este autor trata da questão do locutor com L maiúsculo (aquele que se responsabiliza pelo enunciado), do locutor com l minúsculo (o ser no mundo) e do enunciador (aquele que produz o enunciado).

Para Ducrot sentido e significado não são o mesmo assunto, significado está no nível da frase e sentido no nível da enunciação; o sentido pertence ao domínio do observável, ao domínio dos fatos, suscetíveis de interpretações (hipóteses constitutivas – manobras realizadas por associação), o enunciado em sua enunciação mostra a superposição de vozes (questionamento da unicidade do sujeito da enunciação), dependendo da compreensão do leitor-receptor deste enunciado.

Este enunciado, para Ducrot (1987), que constitui um discurso e possui uma significação e um sentido. Para este autor a frase possui uma significação (primeira etapa). A significação, isto é, a compreensão passa a ter um sentido. Podemos vislumbrar esse processo em diferentes espaços, entre os quais o ciberespaço.

Além disso, para Ducrot, o enunciador, ou seja, o sujeito que emite o discurso equivale ao sujeito que emite o discurso equivale ao sujeito falante para um ouvinte

---

<sup>20</sup> Segundo Charaudeau (2004, p. 21), “[...] uma análise dos gêneros deve se apoiar em uma teoria do fato linguageiro, dito de outra maneira, em uma teoria do discurso na qual possamos conhecer os princípios gerais sobre os quais ela se funda e os mecanismos que os colocam em funcionamento. Toda teoria do discurso implica, assim, que sejam determinados diferentes níveis de organização do fato linguageiro. Já expus, aqui e ali, os aspectos de uma teoria psico-sócio-comunicativa (que chamo de ‘Semiodiscursiva’) na qual me inscrevo [...]”.

receptor que pode realizar várias leituras, como já foi dito, com diferentes modos de significação e sentidos, ou seja, a polifonia de Ducrot (1987).

Para a AD o conceito de interdiscurso é fundamental. O interdiscurso é o pré construído na opacidade da linguagem. O pré construído está nas marcas discursivas institucionais e não institucionais, ou seja, está em tudo e constitui as formações discursivas que, por sua vez, constituem as formações ideológicas que, por sua vez, constituem as formações ideológicas.

Bakhtin (2003) ressalta que a atividade humana é multiforme, assim os enunciados, que constituem os discursos, também são multiformes e exigem do receptor, seja leitor, ouvinte ou expectador, diferentes leituras e, conseqüentemente, sentidos, significados e modos de subjetivação, em conformidade com o contexto histórico-cultural no qual o ouvinte está inserido. Como exemplo, temos a composição *Cálice*, de Chico Buarque de Hollanda, conforme o trecho a seguir: “Pai, afasta de mim este Cálice, afasta de mim este Cálice, de vinho tinto de sangue”.

Pode haver diferentes leituras deste trecho, um ouvinte desinteressado, pode-se ater aos ritmos melódicos apenas. Outro ouvinte com sentimentos cristãos arraigados em si, certamente, relacionaria o trecho à passagem bíblica na qual, em Mateus 26:39 Jesus diz: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!”<sup>21</sup>. Entretanto, podemos nos deparar com um leitor que interprete o significado como uma metáfora na qual a palavra Cálice significa Cale-se, uma vez que essa canção foi composta em época de ditadura militar no Brasil envolta em censura. Nesses contextos, conforme Saggiorato (2012), os artistas viam-se obrigados a trabalhar o texto com diferentes figuras de linguagem para, literalmente, *driblar* os censores. Este foi somente um exemplo de como a leitura de um mesmo discurso pode suscitar diferentes sentidos para diferentes leitores, ou mesmo para um único leitor.

Bakhtin (2003) propõe a concepção de gênero discursivo apresentada pela linguagem enquanto um fenômeno social, histórico e ideológico, ou seja, o gênero também é uma questão de época e sociedade, conforme Bakhtin (2003). Assim, o autor elucida os gêneros do discurso como formas estáveis de enunciados elaborados de acordo com as condições específicas de cada campo da comunicação verbal. Essa definição remete à situação sócio histórica de interação

---

<sup>21</sup>Bíblia Sagrada, Mateus 26:39: <http://www.sbb.org.br/interna.asp?arealD=71> acessado em 23 de junho de 2014.

que envolve o tempo, o espaço, os participantes, a finalidade discursiva e o suporte midiológico. Assim, cada esfera produz seus próprios gêneros.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKTHIN, 2003: 261).

Compreendida a noção de gênero, do gênero blog e suas particularidades, e a Teoria da Argumentação de Ducrot (1987), passamos para a análise de blogs que constituem o *corpus* dessa pesquisa. Este subcapítulo tem por finalidade, portanto, a efetiva análise do *corpus* relativo a esta dissertação de mestrado. Este subcapítulo apresenta relevância para esta dissertação, já que ele consiste na aplicação do referencial teórico esboçado nos capítulos anteriores, bem como cumpre com a consecução dos objetivos apontados neste trabalho.

A análise realizada foi construída a partir da articulação dos alicerces norteadores desta pesquisa, ou seja, neste capítulo estarão articulados os conceitos advindos do referencial teórico associados aos conceitos relativos à noção de ciberespaço, leitura e tecnologia digital especialmente a WEB 2.0 e sua presença nas escolas como atores coadjuvantes dos processos de ensinar e aprender.

O exame do corpus da pesquisa objetiva a obtenção de dados que possibilitem a apresentação de estratégias de leitura, e inferência, bem como apresente a moldura de um novo leitor/escritor no âmbito da sala de aula em contextos nos quais a tecnologia digital está presente de modo que se ofereça uma contribuição que possa ser aproveitada por um maior número possível de leitores e de professores.

A proposta objetiva também orientar processos de leitura não linear a partir de outros hipertextos e da finalidade da escritura de (hiper) textos para ambientes web 2.0 ou não. Diante disso, optou-se pela apropriação de amostras, representativas dos dados selecionados e buscou-se a verificação de marcas discursivas institucionais, legitimadoras do discurso dos *blogs* elaborados pelas escolas e selecionados para esta análise. Marcas relativas ao interdiscurso institucionalizado e marcas que revelam o sentido da leitura e da escrita para estudantes, mas

associadas também ao discurso de leitura e de escrita que os estudantes revelam por meio dos comentários emitidos por colegas estudantes ou professores.

As marcas discursivas serão assinaladas pelas iniciais de cada uma das expressões em análise, a saber:

- **Marcas Discursivas Institucionais: (MDI)** observação da presença de marcas discursivas agregadas às noções de ensino aprendizagem, de leitura e escrita.
- **Marcas Relativas ao Interdiscurso (MRI)** observação de posts nos quais os sentidos de leitura enquanto tarefa escolar e leitura enquanto fruição do prazer de ler e conhecer se imiscuem. Ou seja, um discurso miscigenado entre a obrigação de ler (discurso oficial) e gosto de ler (discurso que graça entre os estudantes), observando-se a harmonia ou desarmonia entre o que a escola recomenda como “boa leitura” e o que os jovens consideram “bom de ler”.
- **Marcas que revelam o Sentido da Escrita para estudantes (MSE)** observação das marcas que revelam o sentido do ato de escrever para os estudantes e para os professores, expressos nos *posts* e inferidos ou expressos pelo discurso oficial ou institucionalizado.

**Os procedimentos metodológicos também obedecerão aos seguintes critérios:**

- Antes da análise propriamente dita, serão apresentados os *screenshots dos Blogs e post* selecionados, de modo que o leitor deste trabalho possa conhecer o alvo da análise no seu modo original, independentemente de referir-se ao link e verificar o site no ciberespaço.
- Os *screenshots*<sup>22</sup> serão inseridos no corpo do trabalho, cujas materialidades revelam o objetivo deste trabalho de tornar os significados e sentidos dos discursos analisados, o mais desvelados e transparentes possíveis. A transparência é, pois, neste trabalho, mais uma estratégia de desvelamento da intencionalidade e composição que se entranha nessa outra arquitetura.
- A cada *blog* analisado, tomar-se-á o cuidado de explicitar a sua fonte, através de seu *link*, cujo símbolo para esta identificação Fonte Online (**FO**)

---

<sup>22</sup>Captura de tela que consiste na produção de uma imagem que reproduz a tela de um computador em um dado instante.

- Para demarcaras especificidades icônicas, o seja o layout e a semântica e a ergonomia do *blog* usar-se-á os símbolos (**ERB**) no qual se observará a adequação das imagens e do conteúdo à serie para qual se destina o *Blog*, em determinado espaço escolar.

- Comentário Complementar Teórico (**CCT**) quando se julgar necessário acrescentar um dado teórico para melhor compreensão da inferência.

A análise apresentada tem pertinência, pois, na interpretação dos efeitos de sentido provocados pela explicitação dos dados linguísticos e enunciativos observados na segunda etapa de análise.

Este procedimento visa a alcançar o objetivo referente à constituição deste trabalho, ou seja: a construção da validade de estratégias do uso de blogs para incentivo à leitura e escrita e a “formação” de um novo leitor/escritor fomentada pelo emprego da Tecnologia digital, mais especificamente pelo uso dos Blogs, no espaço escolar, desvelando os sentidos lineares e não lineares presentes nos hiperconduto *ad web* e em atividades desta natureza.

### **Legenda dos símbolos identificadores das vozes na análise dos textos selecionados<sup>23</sup>**

**FO=** (apontando a origem de Procedência do *Blog*, ou seja, sua fonte e seu link) para efeito da análise adotaremos apenas um FO para cada blog analisado evitando assim a repetição das enunciações recortadas, porém no total da análise cada FO será enumerado: FO1; FO2, etc.;

**MDI =** (significando as marcas subentendidas<sup>24</sup> do Discurso Institucional);

**MIIC=** (demarcando as vozes interdiscursivas de Cientificidade e de senso comum explícitas ou subentendidas presentes nos post e emitidas por todos os blogueiros);

**MDEC =** (ou seja, Marcas Discursivas Explícitas de Cientificidade para a presença da Voz interdiscursiva de cientificidade em relação aos temas da leitura e ou escrita para explicitar a relação entre os dois discursos);

---

<sup>23</sup>A listagem das abreviaturas aqui apresentadas obedece a uma ordem que, mais ou menos, orienta uma dada leitura não linear e que, para o caso de nosso trabalho, julgamos corresponder à revelação das marcas discursivas e inferências que nos interessam aqui pontuar.

<sup>24</sup> Ducrot diferencia implícito de subentendido, já que para este autor tomar a palavra não é um ato livre e nem gratuito.

**MSEE** = (Marcas Discursivas Explícitas emitidas pelos Estudantes, em seus comentários e mesmo nos posts);

**CCT**= (Comentário Complementar Teórico, quando se julgar necessário acrescentar um dado teórico para melhor compreensão da inferência).

A análise dos *blogs* selecionados obedecerá a ordem no qual se encontram citados para que sejam facilitadas citações pertinentes ao mesmo *blog* e para que uma síntese de cada análise possa organizar-se de modo a tornar a leitura mais suave e clara para nosso leitor. Temos então como ordem de citação e análise os seguintes blogs:

- a) <http://aleituraestanoar.blogspot.com.br>;
- b) <http://versologando.blogspot.com.br>
- c) <http://fabulendo.blogspot.com.br>
- d) <http://tiradasdealmanaque.blogspot.com.br/>
- e) <http://viverlerviver.blogspot.com.br/>

### Análise do blog “A Leitura está no Ar!”



Figura 1. *Banner* do blog A Leitura está no Ar!

**FO1: A Leitura está no Ar!** Este blog é para você que é apaixonado por leitura e gosta de apreciar jovens estudantes escrevendo poemas e descobrindo poesia. <http://aleituraestanoar.blogspot.com.br/>

**MSEC:** O título do blog “A Leitura está no Ar!” Bem como o enunciado do cabeçalho do blog “Este blog é para você que é apaixonado por leitura e gosta de apreciar jovens estudantes escrevendo poemas e descobrindo poesia” apresentam marcas discursivas explícitas de cientificidade ao enunciar leitura e os verbos escrevendo e descobrindo poemas e poesias. E, além disso, o fato de a professora auto intitular-se professora PDE e caracterizar o *blog* como trabalho atrelado ao

projeto PDE. Podemos apontar, porém, como a voz interdiscursiva do senso comum as expressões “**está no ar!**” e “**você que é apaixonado**”.

Existe, no entanto, nestas aparentes vozes interdiscursivas um pressuposto de que “está no ar” também tem referência ao conceito de ciberespaço. Nesse sentido, conforme potula Ducrot (1987) ao mesmo tempo em se dá a análise, é possível perceber as indícios do próprio conceito de polifonia.

**CCT:** para as pessoas que estão imersas na *web* e dominam o ciberespaço podem inferir também que a expressão “a leitura está no ar” seja a complementação de uma ideia de que a leitura não está somente no livro, ou no discurso da escola, mas que a leitura é importante para todos e, portanto, ela está ou pode estar em todo lugar e por isso todos precisam ler.

**MRI:** Como Marcas Relativas ao Interdiscurso do *post* do estudante Pedro, da 5ª série F, temos que nesta poesia é perceptível a relevância da tarefa escolar e da leitura, enquanto fruição do prazer de ler e conhecer. A forma como se imiscuem e os sentidos de leitura intrínsecos ao texto do aluno ao citar as diferentes leituras que têm feito e a importância que estas assumem em sua vida. Isto é, temos no poema de Pedro um discurso miscigenado entre a obrigação de ler (discurso oficial) e gosto de ler (discurso que graça entre os estudantes), contudo, observando-se a harmonia entre o que a escola recomenda como “boa leitura” e o que este aluno em particular considera boa leitura. Segue o poema para comprovação da análise

A minha escola  
está velhinha  
Mas nela estudo sobre  
muitas coisinhas.  
\*\*\*\*

Acessamos o blog, lemos  
aprendemos, pesquisamos, é diversão  
Fazemos coisas boas  
não fazemos besteirão.  
\*\*\*\*

Fizemos acrósticos, haicais,  
quadras esquisitas e legais  
Quarta de manhã é uma alegria  
brincamos de fazer poesia.  
\*\*\*\*

Com a professora Margarete  
muitos autores pesquisei  
Fernando Pessoa, Patativa do Assaré, Vinícius de Moraes  
Cecília Meireles e José Paulo Paes.  
\*\*\*\*

Com todo esse trabalho  
eu aprendi muito mais.

Vou acessar nosso bloge mostrar para meus pais.  
Pedro - 5ªF

**MSEE:** Como marcas do sentido de escrita temos no post/poesia do estudante de quinto ano do ensino fundamental Pedro, observamos marcas que revelam o sentido do ato de escrever, (e também ler e investigar) que, para este estudante representou “diversão” onde fazer poesia “acrósticos, haicais, quadras esquisitas e legais” é sinônimo de alegria e fazer poesia sinônimo de brincadeira.

### Analise do *blog* “Versologando”



Figura 2. *Banner do blog Versologando*

**FO2: Versologando** – Blog cujo propósito constitui-se em espaço de aplicação do Projeto de Intervenção didático-pedagógica / PDE intitulado "O Blog nas Salas de Apoio: uma via auxiliar para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita. <http://versologando.blogspot.com.br>

**MDI:** Ao que concerne às marcas subentendidas do discurso institucional estas estão em correspondência com a natureza desse blog, denominado Versologando, pois é possível vislumbrar inúmeros incentivos à leitura de poesias inclusive com auxílio de diferentes mídias digitais como vídeo, sons e imagens. Podemos inferir que tais recursos são utilizados pela professora *blogueira* a fim de fomentar o gosto de seus alunos pela poesia e, ainda, desmistificar qualquer preconceito que possa haver entre os estudantes com relação à leitura, como por exemplo, a crença recorrente de que o ato de ler é algo enfadonho.

**CCT:** Relativo ao conceito de polifonia elaborado por Bakhtin, Ducrot (1987) declara:

Para Bakhtin, há toda uma categoria de textos, e notadamente textos literários, para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente e sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras: trata-se do que ele chama, em oposição à literatura clássica ou dogmática, a literatura popular, ou ainda carnavalesca, e que às vezes ele qualifica de mascarada, entendendo por isso que o autor assume uma série



de máscaras diferentes. Mas esta teoria de Bakhtin, segundo meu conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüência de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isolado faz ouvir uma única voz (DUCROT, 1987, p. 161).

### Analise do blog “Fabulendo no Blog”



Figura 3. *Banner do blog Fabulendo no Blog*

**FO3: Fabulendo no Blog** - Este blog tem como objetivo despertar nos estudantes o gosto pelo ato de ler, utilizando diferentes metodologias através de meios virtuais a fim de desenvolver seu conhecimento, criar futuros leitores e promover a inclusão digital dos estudantes através das atividades propostas nessa ferramenta. <http://fabulendo.blogspot.com.br>

**MDI =** (significando as marcas subentendidas do Discurso Institucional);

Apesar do fato de no enunciado do blog “Fabulendo no Blog”, onde há a apresentação do pela professora blogueira, não constar referência a uma escola determinada e, por conseguinte, não estar diretamente relacionado a uma ou mais escolas na qual, ou nas quais, a professora desenvolve seu trabalho pedagógico é possível verificar que marcas subentendidas do discurso institucional estão presentes ao analisarmos estudo da imagem (fílmica, fotográfica, artística, etc.) em sua materialidade, no caso, o não verbal, além de eventuais referencias a uma escola em postagem relativa ao dia do(a) funcionário(a) de Escola, por exemplo.

Em uma atividade, intitulada *Photonovel*, realizada pela professora/blogueira no segundo semestre do ano de 2013 na disciplina de língua inglesa e postada no blog no dia dezoito de novembro daquele ano, conforme imagens abaixo, os alunos elaboraram uma fotonovela em língua inglesa.



Figura 4. Parte inicial do trabalho intitulado *Photonovel*

segunda-feira, 18 de novembro de 2013

# PHOTONOVEL

Tony Gifs Javaz  
Efeito no cursor  
Pegue o seu aqui

A night of Thursday, Friday, sabbath and helix go out talking with...


Sorry with the water. We have, they entered at the Pub...

The water took the order...

They...  
How we...  
It's time...  
Finally we...  
We had...  
Really, a...  
Big moment...

**Contador**  
3031

Meu nome é Maria Helena de F. da Silva. Sou formada em Letras Português/Inglês.



[Maria Helena de Fatima da Silva](#)  
Seguir 7

[Visualizar meu perfil completo](#)




Figura 5. Parte do trabalho intitulado *Photonovel*

Para realização desse trabalho os estudantes, auxiliados pela professora, elaboraram diálogos em língua inglesa, fotografaram-se e inseriram os diálogos nas fotos, apesar de haver a presença do verbal - em língua inglesa – nas imagens a característica comum e marcante nesse trabalho é que em todas as fotos foram realizadas dentro da instituição, algumas em sala de aula e outras fora da sala de aula, mas dentro dos muros da escola.

Do mesmo modo a atividade “Brincando de Ler Poesias” foi realizada com estudantes dos 6ºs anos, e filmada, no interior da sala de aula com o quadro branco ao fundo no qual é possível lermos: “Olimpiada de Língua Portuguesa”, nessa atividade, inclusive aos alunos foi oportunizado o uso do microfone para a leitura das poesia, essa postagem é de sete de agosto de 2014.

## BRINCANDO DE LER POESIAS

ESTUDANTES DOS 6º ANOS DO COLÉGIO ESTADUAL ANTONIO SCHIEBEL "BRINCAM" NA LEITURA DE POESIAS COM O MICROFONE




Leitura de poesia03



0:00 / 3:46

Leitura de poesia2



0:00 / 5:14

**Arquivo do blog**

- ▼ 2014 (12)
  - ▼ Agosto (3)
    - DIA 11 DE AGOSTO: DIA DOS ESTUDANTES
    - BRINCANDO DE LER POESIAS
    - Dia do(a) Funcionário(a) de Escola
  - ▶ Maio (2)
  - ▶ Abril (2)
  - ▶ Março (3)
  - ▶ Fevereiro (1)
  - ▶ Janeiro (1)
- ▶ 2013 (52)
- ▶ 2012 (7)

Figura 6. Atividade “Brincando de Ler Poesias” - *blog* Fabulendo no Blog

## Dia do(a) Funcionário(a) de Escola

Estudantes do colégio estadual Antonio Schiebel do 6º ano faz homenagem aos funcionários(as) da escola pela passagem do "Dia do(a) Funcionário(a) de Escola".

"Sem vocês, com certeza, não teríamos esse espaço maravilhoso de trabalho. Neste dia, em especial, nós estudantes do 6º B representando todos os estudantes do Colégio Est. Antonio Schiebel queremos deixar nossos sinceros agradecimentos por toda dedicação e presteza com que cada um realiza seu dever..."



Figura 7. Postagem sobre o dia do funcionário de escola - *blog Fabulendo no Blog*

Também no dia sete de agosto de 2014, a professora/blogueira postou uma homenagem aos funcionários e funcionárias da escola, em tal postagem há uma produção textual dos alunos dos 6ºs anos, um vídeo e fotos onde é possível ver todos os funcionários em um mesmo ambiente da escola presentes em uma palestra.

**MSEE:** Como marcas do sentido de escrita observamos no post do estudante de sexto ano do ensino fundamental Luiz Gustavo, em treze de maio de 2013, marcas que revelam o sentido do ato de ler, inclusive imagens (altamente sugestivas) em movimento *figuram que se movimentam no computador* e escrever.

Para esse estudante o ato de escrever é importante, como o ato de ler, para o bom desenvolvimento da vida profissional, mas é também motivo de prazer, por gostar de escrever e re-escrever suas próprias fábulas e poesias.

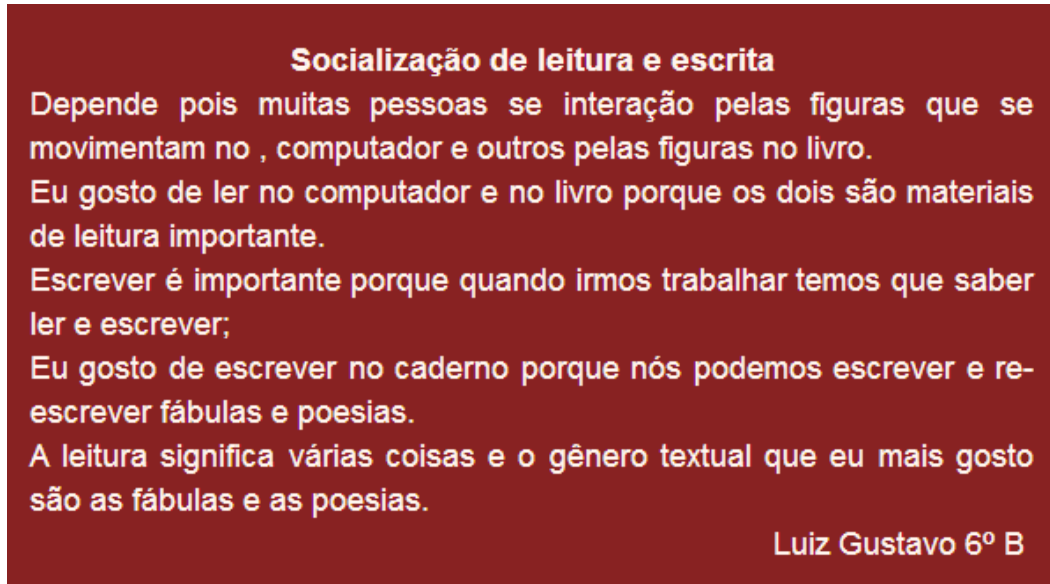


Figura 8. Postagem de aluno - *blog* Fabulendo no Blog

**CCT:** Podemos considerar que no discurso desse aluno há um enlaçamento de vozes que nos reportam a diferentes áreas do conhecimento e da vida em comunidade, de seu presente enquanto criança e de seu futuro enquanto adulto e profissional. E esse enlaçamento de vozes e o conhecimento destas propagarão o sentido do texto, em conformidade com o que Ducrot postula: “Interpretar uma produção linguística consiste, entre outras coisas, em reconhecer nela atos, e que este reconhecimento se faz atribuindo ao enunciado um sentido, que é um conjunto de indicações sobre a enunciação” (DUCROT, 1987 p. 173).

### Analise do blog “Tiradas de almanaque”

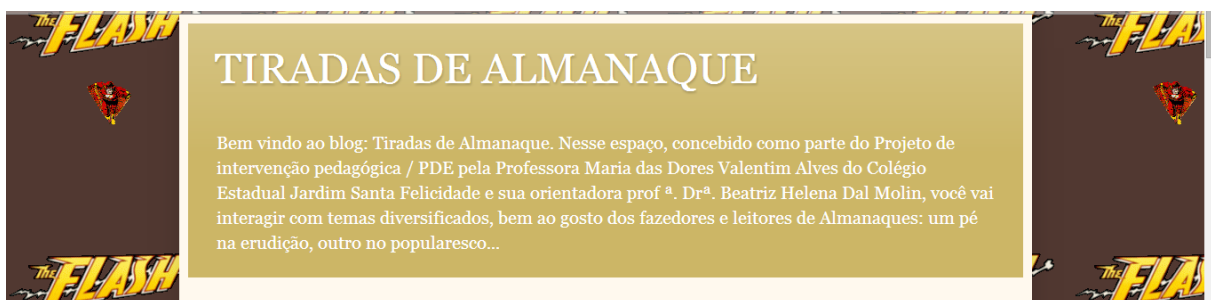


Figura 9. *Banner* do *blog* Tiradas de almanaque

**FO4: Tiradas de almanaque** - Neste blog é possível interagir com temas diversificados, bem ao gosto dos fazedores e leitores de Almanques: um pé na erudição, outro no popularesco...

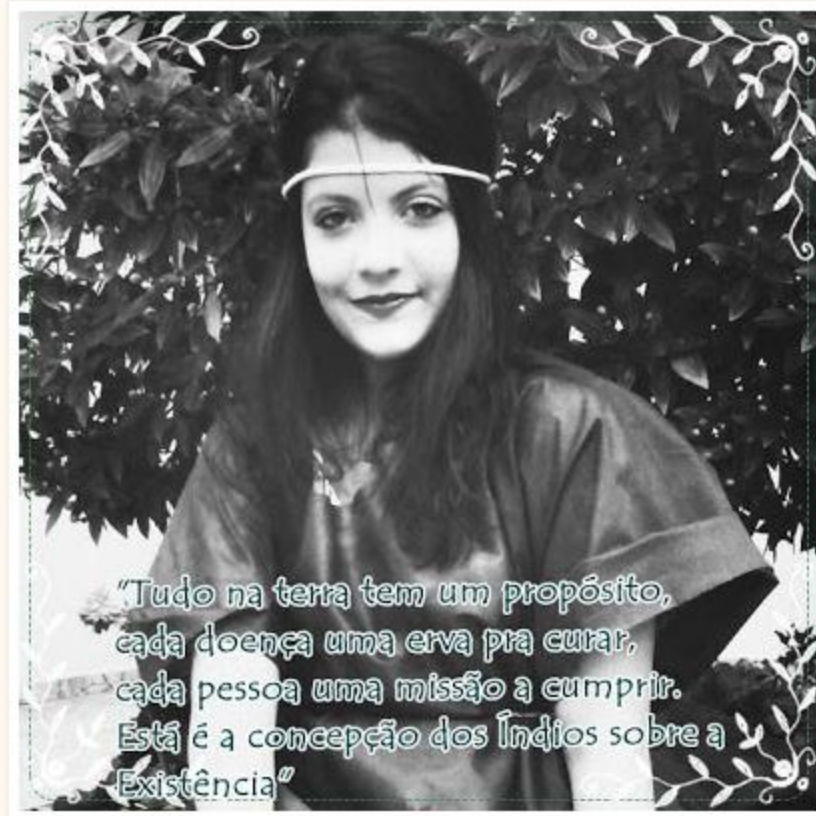
<http://tiradasdealmanaque.blogspot.com.br/>

**MDI:** A breve análise do blog “Tiradas de almanaque” demonstra que o blog caracteriza-se como espaço no qual a leitura, a escrita e a criatividade estão presentes e caracterizam-se em oportunidade de compreensão e de expressão de discursos e, também, compreensão de mundo, pontos de vista múltiplos, artes, literatura, etc. Além disso, o blog pode ser concebido, ainda, como uma oportunidade de vivenciar situações de escrita colaborativa, na medida em que o leitor sugere situações e posicionamentos, apresenta propostas, ou simplesmente comenta seus pontos de vista com o professor ou colegas. Tornando-se, assim, um espaço dialógico interativo e democrático que não está conectado a uma instituição em particular.

**MSEE:** Os trabalhos desenvolvidos com a turma da professora e expostos no blog “Tiradas de almanaque” agregam muita criatividade e originalidade, assim como as demais postagens realizadas pela professora. Como o trabalho realizado pelos alunos do segundo ano médio A. do Colégio estadual Jardim Santa Felicidade. A professora lhes passou a orientação que deveriam retratar um herói Grego, Pícaro ou da Cultura de Massa, considerando os estudos que desenvolveram anteriormente. Assim sendo, conforme vemos na foto abaixo, a estudante Isabela propôs uma livre tradução de Iracema, heroína de José de Alencar. Destaca-se que não houve qualquer intervenção da professora nessa fotografia. O texto inserido na fotografia está disponível em: [http://sphotos-d.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-frc1/376895\\_607078079305219\\_83758118\\_n.jpg](http://sphotos-d.ak.fbcdn.net/hphotos-ak-frc1/376895_607078079305219_83758118_n.jpg)

quarta-feira, 15 de maio de 2013

## Heróis de Romances



Iracema

Figura 10. Post do blog Tiradas de almanaque

**CCT:** Ao admitir a presença de informações subentendidas e explícitas no texto, Ducrot demonstra que a língua pode se constituir em uma posição caracterizada por ocultamentos, resistências, negligências, camuflagens, ambiguidades ou, até mesmo, enfrentamentos. No subcapítulo 5.2 A Teoria Polifônica de Ducrot, deste trabalho, quando a teoria polifônica da enunciação foi abordada, destacou-se o fato de que, a partir da ideia da existência desse jogo de vozes, ficam encobertos os pensamentos e os desejos do enunciador, isto é:

Do ser que, no próprio sentido do enunciado, apresenta-se como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade do enunciado (Ducrot 1987, p. 182).

## Analise do blog “Viver ler viver”



Figura 11. Banner do blog *Viver ler viver*

**FO5: “Viver ler viver”** O blog caracteriza-se em um espaço de aplicação do Projeto de Intervenção didático-pedagógica / PDE intitulado "Blogs na Escola: Espaços de Interação e Conhecimento" da professora Odete Meith Fernandes. <http://viverlerviver.blogspot.com.br/>

**MDI =** O *blog “Viver ler viver”* apresenta-se como o “Blog do Colégio Estadual Jardim Consolata”. Neste blog, além de artigos de opinião, por exemplo, com atividades relacionadas, encontra-se muita oportunidade de leitura de poesias de jovens estudantes bem como poesias de autores consagrados, apreciação de artes plásticas e muito espaço para compartilhamento de opiniões.

Segundo a AD, a produção de um discurso, ou seja, de uma determinada materialidade linguística, há uma potencialidade capaz de provocar diversos efeitos de sentidos. Desse modo, a língua apresenta um caráter díspar, não-finalizado, devido ao fato de ser constantemente influenciada e devido ao próprio caráter histórico que ela possui. Em sua heterogeneidade, a língua revela também a heterogeneidade do sujeito a ela vinculado, pois é a partir da materialidade linguística que se chega ao sujeito e é também por meio da língua que esse sujeito supre as lacunas típicas de sua constituição.

Este blog possui caráter híbrido e oportuniza, ainda, a descoberta e a apreciação de diferentes manifestações artísticas, bem como a apreciação de verdadeiras obras de arte produzidas pelos alunos e disponibilizadas no blog, como é possível visualizar na postagem do dia sábado, dois de novembro de 2013 sobre o trabalho desenvolvido pela professora junto aos alunos sobre o *Surrealismo*, alguns exemplos a seguir:



# Surrealismo

## SURREALISMO

O **Surrealismo** foi um movimento artístico e literário nascido em Paris na década de 1920, inserido no contexto das vanguardas que viriam a definir o modernismo no período entre as duas Grandes Guerras Mundiais. Reúne artistas anteriormente ligados ao Dadaísmo ganhando dimensão mundial. Fortemente influenciado pelas teorias psicanalíticas do psicólogo Sigmund Freud (1856-1939), o surrealismo enfatiza o papel do inconsciente na atividade criativa. Um dos seus objetivos foi produzir uma arte que, segundo o movimento, estava sendo destruída pelo racionalismo. O poeta e crítico André Breton (1896-1966) era o principal líder e mentor deste movimento.

A palavra surrealismo supõe-se ter sido criada em 1917 pelo poeta Guillaume Apollinaire (1886-1918), jovem artista ligado ao Cubismo, e autor da peça teatral *As Mamas de Tírésias* (1917), considerada uma precursora do movimento.

Um dos principais manifestos do movimento é o Manifesto Surrealista de (1924). Além de Breton, seus representantes mais conhecidos são Antonin Artaud no teatro, Luis Buñuel no cinema e Max Ernst, René Magritte e Salvador Dalí no campo das artes plásticas.

### Trabalhos:



Marcos Felipe Ramos, Jefferson Ruths



Mahana Koszenieski, Rafaela Eloísa

Figura 12. Postagem do dia dois de novembro de 2013 do *blog Viver ler viver*

**MSEE:** Em postagem do dia dezessete de junho de 2013 no *blog Viver ler viver* há um texto do aluno Eduardo Hercules intitulado “TVS DIVERSAS”, a seguir a reprodução do *post*:

TVS DIVERSAS  
Eduardo Hercules

Tenho TV, adoro filmes  
TV toda colorida  
TV de LCD  
Diversão da minha vida!  
Diversão da vida minha!  
Tenho TV de tubo  
Mas tem de outros tipos também

TVs que vão e vêm,  
no balcão da loja  
Que o homem criou em 3d  
E através de um óculos consigo ver.

Assistia TV enquanto eu lia  
Viajava para ler  
Não me encontro mais com ninguém  
(Tenho uma TV nova e não saio mais à rua)  
Algum dia posso ser locutor  
Outro posso ser cantor  
E quando chegar esse dia  
Posso desaparecer e virar um autor.

O aluno Eduardo elaborou o seu texto, certamente a pedido da professora, porém, conforme seu comentário ao ver seu texto no blog inferimos que o mesmo não havia sido criado com o propósito de ser publicado. A postagem recebeu quatro comentários, sendo o primeiro comentário do estudante/autor do texto, conforme figura abaixo.

Ao fazer uso da expressão “eee que legal” podemos inferir que o aluno ficou, ao mesmo tempo, surpreso e feliz por ver sua produção textual no blog e agradece à professora, por ter seu trabalho valorizado e exposto pela professora proprietária do *blog*.

## 4 comentários:



**Eduardo Hercules** 19 de junho de 2013 17:02

eee que legal minha parodia no blog obrigado professora

[Responder](#)



**Odete Meith Fernandes** 22 de junho de 2013 00:28

Você mereceu! Continue escrevendo, vamos continuar vendo seus textos por aqui!

[Responder](#)



**maria Valentim** 30 de junho de 2013 22:36

Parabéns Professora Odete e seus Estudantes pelo belo trabalho!  
Incentivando, com seus pupilos a construir conhecimento.

[Responder](#)



**diego show** 10 de outubro de 2013 08:38

"Ótimo HÉRCULES Belo trabalho irmão só corre pra luta e ir atrás pra onde quer chegar

[Responder](#)

Figura 13. Comentários do *Post* do dia dezessete de junho de 2013 no *blog Viver ler viver*

**CCT:** Para Ducrot, se o *locutor* corresponde ao elemento que fala e que conta, o *enunciador* corresponde àquele que vê. Desse modo, Ducrot postula, ainda, que os enunciadores são seres que se exprimem por meio da enunciação, mas que não necessariamente lhes seja necessária à atribuição de palavras precisas. “Se eles falam é somente no sentido de que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas falas (1987 p.206)”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas presentes considerações finais, faz-se necessário recapitular a trajetória percorrida ao longo desse trabalho, com o intuito de inferir algumas relevâncias provenientes do corpus, bem como assinalar investigações viáveis oriundas do processo ao longo do estudo.

Os autores evidenciados, ao longo deste estudo, contribuíram para o embasamento da proposta aqui apresentada, assim como para o aprofundamento da análise. Embora provenientes de diferentes áreas do conhecimento, os postulados evidenciados se entrelaçam em pontos fundamentais a esta pesquisa.

As redes de computadores foram criadas inicialmente para suprir uma necessidade militar. A década de 1960 foi um período de tensão entre as duas maiores potências dessa época, isto é, os Estados Unidos da América e a, então, União Soviética. Os americanos iniciaram programas de pesquisas para encontrar um modo de interconectar os diversos centros de comando do país, a fim de avançar o seu sistema de informações, ou seja, que permanecesse operando mesmo que houvesse um conflito nuclear. Com o fim da guerra fria, esta estrutura, denominada Internet, passou a ser utilizada para uso científico e educacional.

No Brasil, as universidades foram as primeiras a se beneficiarem com essa estrutura de rede, naquela ocasião, os serviços disponíveis restringiam-se a correio eletrônico e transferência de arquivos. Em 1990, a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo) conectou-se a Internet e a partir de abril de 1995, o Ministério das Comunicações e o Ministério da Ciência e Tecnologia optaram por estender a implantação de uma rede integrada entre instituições acadêmicas e comerciais. Desde então diversos provedores de acesso e serviços privados iniciaram suas operações no Brasil.

A sociedade atual fomenta uma quantidade imensurável de informações e tem configurado meios para seu armazenamento e propagação de maneira acessível e conectada através de redes mundiais de computadores, a Internet passou a ser utilizada como importante interface na comunicação entre as pessoas. O ciberespaço, definido por Lévy (1999) como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores, tem como propósito posicionar em sintonia todos os dispositivos, sejam eles de criação, informação, gravação, comunicação e simulação.

A presença da tecnologia na rotina das pessoas modificou as suas vidas, em muitos aspectos, em diferentes áreas. No contexto educacional não poderia ser diferente, já que o ato de ensinar, de aprender e de estudar sempre foi permeado por tecnologias.

Faz-se necessário, ainda, mais discussões acerca da leitura e escrita com auxílio da tecnologia digital, com o propósito, inclusive de fomentar essa prática, porém vale salientar que uma área considerável desta atividade já preenche o cotidiano das pessoas. Ressalta-se, ainda, que a leitura com auxílio de mídias digitais não emergiu para substituir a leitura em papel, pois os modos de leitura podem conviver juntas, conforme a televisão não substituiu o rádio e como o computador não substituiu a televisão, a leitura digital não substituirá a leitura em papel, pois cada contexto de leitura possui o seu momento e o seu objetivo.

A partir do surgimento do ciberespaço, novas formas de sociabilidade emergem nos ambientes virtuais, viabilizando uma integração dinâmica de diferentes modalidades perceptivas. Além disso, há um incremento na prática da leitura e da escrita no ciberespaço, bem como das implicações do mundo virtual na constituição dos processos de leitura e escrita de professores e alunos que participam de Blogs escolares/pedagógicos.

Os cinco blogs analisados representam uma amostra da aplicação das estratégias de leitura e escrita formuladas a partir de projetos de intervenção pedagógica de professoras pertencentes ao ensino público estadual do estado do Paraná em formação PDE junto à Universidade Estadual do Estado do Paraná.

Ao observarmos as postagens percebemos que as mídias digitais são instrumentos triviais e profícuos no cotidiano escolar ao qual pertencem as professoras que possuem blogs pedagógicos. Tais instrumentos, como os computadores, a internet, câmeras digitais - que possibilitam a criação de vídeos e

fotos de modo acessível – já se constituem em elementos intrínsecos ao cotidiano familiar da imensa maioria dos estudantes.

Assim, convém que as TICs sejam inseridas na prática pedagógica como instrumentos que apoiem a construção do conhecimento dos educandos, sendo a função do professor a de mediador deste processo, porém não pode haver uma simples substituição de meios, por exemplo, quadro-negro por uma tela do computador, faz-se necessária uma efetiva mudança das práticas educacionais, como pudemos observar.

O corpus desse trabalho foi analisado através do viés da AD, o ponto central em que se alicerça a polifonia Bakhtiniana é a concepção de dialogismo como o princípio geral de que toda nossa relação com o outro na interação é marcada pela negociação e disputa entre a palavra de um e a de outrem, à semelhança de uma arena de lutas, momento em que os sentidos na enunciação vão sendo (co)construídos discursivamente.

A concepção polifônica da enunciação de Oswald Ducrot (1987) é trata em sua teoria semântica da enunciação dos diferentes papéis assumidos pelo sujeito falante, que ele denomina de locutor e ou enunciador.

Embora a concepção polifônica de Ducrot tenha raízes na polifonia Bakhtiniana aquela assume características peculiares, à proporção que evidencia que um mesmo enunciado não faz ouvir uma só voz, quer dizer em um mesmo enunciado coexistem em um contínuo diálogo de vozes que se fazem ouvir de modo implícito ou explícito. Este princípio serviu como o eixo norteador que conduziu a presente pesquisa para analisarmos as diversas estratégias de que os sujeitos podem fazer uso para trazer ao enunciado o discurso de outrem. Esta categoria, conforme foi discutido no decorrer desse trabalho, mostrou-nos como é possível surpreender na materialidade do enunciado diversas vozes sociais advindas de outras enunciações. Nessa convocação da palavra outra, diversos sentidos podem ser obtidos.

Este estudo buscou apresentar, portanto, que o fato de a teoria do dialogismo de Bakhtin e a teoria polifônica de Ducrot podem ser trabalhadas de modo conjunto, visto que há, entre elas, pontos de contato que permitem tal aproximação. É fato, entretanto, que há diferenças notáveis entre as mesmas, todavia é possível identificar traços comuns que as tornam assimiláveis, o que permite a afirmação de

que ambas podem ser citadas benéficamente a fim de que estudos linguísticos ascendam a um maior estágio de elucidação.

## REFERÊNCIAS

ASSAMAN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 4. ed. Petrópolis : Vozes, 2000.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001

\_\_\_\_\_. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BARTHES, R. **O Rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_\_. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, Tradução de J. Guinsburg. Editora Perspectiva, 1987.

BELLEI, S.L.P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC. UFSC:, 2002.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. 4.ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

BLOOD, R. **We've got Blog: how weblogs are changing our culture**. Perseus Books Group, Nova York, EUA, 2002.



BLOOD, R. **Weblogs: a history and perspective**. (2000). Disponível em: [http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html). Acesso em 06 de maio de 2014.

BORGES, J. L. **Borges, Oral & Siete Noches**. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997

CARROLL, L. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v.1. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, P. Visadas Discursivas, Gêneros Situacionais e Construção Textual. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Inscrever e apagar – cultura, escrita e literatura**. São Paulo: UNESP, 2007.

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 3. São Paulo Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1. Trad. Ana Lúcia da Silveira, Aurélia Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERRIDA, J. **Papel – Máquina**. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DIAS, M. H. P. **Hipertexto - o labirinto eletrônico**. Uma experiência hipertextual.2000. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~hans/mh/>>. Acesso em 10 de novembro de 2012.

DUCROT, O. **Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica lingüística**. In: O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981

ECO, U. **Não contem com o fim do livro**. São Paulo: RECORD, 2010.

\_\_\_\_\_. **Da Internet a Gutenberg**. Trad. João Bosco da Mota Alves. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>. Acesso em: 12 de abril 2013.

ESCOLAR, H. **História do livro em cinco mil palavras**. Tradução de Aída Nery da Fonseca. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1977.

FARACO, C. A. *et alli*. **Uma introdução a Bakhtin**. Curitiba: Hatier, 1988.

FIORIN, J. L. **As Astúcias da Enunciação: As Categorias de Pessoa, Espaço e Tempo**. São Paulo: Ática, 1999.

FRANÇA, J. M. de. **Os implícitos no ensino da leitura: pressupostos e subentendidos**. Revista Interdisciplinar. Ano VII, V.16, jul-dez de 2012 - p. 61-75

GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GONÇALVES, C. A. F.; OLIVEIRA, M. C. G. **Conhecimento na Sociedade da Informação: contradições e aproximações**. Informação e Informação, Londrina, v.14, n.1, p.36-51, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/2003/2890>. Acesso em 18 de maio de 2013.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, Coleção Trans, 1992.

HARGREAVES, A. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Editora Aleph, 2008

JESUS, P. S. de. **Letras e Vozes: O Livro Falado e a preservação da subjetividade**. Salvador: [s.n], 2008.

KELLNER, D. **Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk**. In:\_\_\_\_\_. A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001. p.377-419.

KOCH, I. G. VILLAÇA, E., V. M. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ler E Compreender: Os Sentidos Do Texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Hipertexto e construção do sentido**. Revista Alfa. São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23-38, 2007.

LEÃO, L. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço.** São Paulo: Editora Iluminuras, 1999.

LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, A. LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária.** São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Máquina universo: criação, cognição e cultura informática.** Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artmed, 1998.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Conexão planetária – O mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 2008.

LOTMAN, Y. **Estética e semiótica do cinema.** Lisboa: Estampa, 1978.

LUPTON, E. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes.** Tradução de André Stolarski. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, Cognição e Referência: o desafio do hipertexto.** São Paulo: Global, 2000.

\_\_\_\_\_. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula.** Linguagem & Ensino, Vol. 4, No. 1, 2001 (79-111). Disponível em <[http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f\\_marcuschi.pdf](http://www.pucsp.br/~fontes/ln2sem2006/f_marcuschi.pdf)>. Acesso em 10 de novembro de 2012.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos da Comunicação.** São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Diversidade dos Gêneros do Discurso.** In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (orgs.). Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004.

MARCUSCHI, L. A.; Xavier, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido.** Rio de Janeiro : 2.ed. Lucerna, 2005

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

\_\_\_\_\_. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**; tradução Leônidas Gontijo de Carvalho & Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, Editorada USP, 1972.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORIN, E. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MURRAY, Janet H. Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço. Trad. ElissaKhouryDaher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

ONG, Walter. **Oralidade e Cultura Escrita**. São Paulo: Papyrus, 1998

PARENTE, A. **O Virtual e o Hipertextual**. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.

PELLANDA, N. C., PELLANDA, E. C. **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PELLANDA, N. M. C. Hipertexto como instrumento potencializador da Cognição/Sujeito. In: **I ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO: DESAFIOS LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E PEDAGÓGICOS**, 1, 2005, Recife.

RAMAL, A. C. Conect@ - **Ler e escrever na cultura digital**. Revista on-line de Educação a Distância. Disponível em: <http://www.revistaconecta.com/destaque/edicao04.htm>. Acesso em 09 de novembro de 2012.

RAMAL, A. C. **Educação na Cibercultura**. São Paulo. Arned, 2001.

RECUERO, R.; AMARAL, A.; MONTARDO, S. (Orgs.) **Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker editoras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **A leitura fora do livro**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>. acesso em 11 de fevereiro de 2012.

SEGRE, C. **Texto**. In: Enciclopédia Einaudi. v. 17. Tradução Joana de Abreu Monteiro Quintino. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed.São Paulo: Cortez, 2012.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, O. S. F. **Nos labirintos da WEB: possibilidades de leitura e produção textual nos cenários digitais**. Dissertação (Mestrado), UNEB, 2006. Disponível em:<http://www.obdalia.pro.br/introducao.htm>. Acesso em: 09 de novembro de 2012.

SILVA, T. T. da (org). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, M. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. *Educ. Soc.*, v.23, n.81, p.143-160, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VAZQUÉZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Tradução de Simone Rezende da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VELOSO, C. Alegria, alegria. In: VELOSO, Caetano. **Caetano Veloso**. Philips, 1968. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

VIGOTSKI, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 199.

VIGOTSKI, L. **A Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.